

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

TOMÁS SEGURA, José
Santidade e felicidade

MALAX, Félix
*Uma Santa para hoje:
Santa Teresa dos Andes*

VECHINA, Jeremias Carlos
*Família,
Lugar de experiência de Deus*

DE MARGERIE, Bertrand
*Luís de Sousa:
Historiador da santidade portuguesa*

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL	
<i>Chamados à santidade</i>	83
JOSÉ TOMÁS SEGURA	
<i>Santidade e felicidade</i>	85
FELIX MALAX	
<i>Uma Santa para hoje:</i> <i>Santa Teresa dos Andes</i>	97
JEREMIAS CARLOS VECHINA	
<i>Família,</i> <i>Lugar de experiência de Deus</i>	117
BERTRAND DE MARGERIE	
<i>Luís de Sousa:</i> <i>Historiador da santidade portuguesa</i>	143

NÚMERO 10

Abril - Junho 1995

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade
4630 AVESSADAS
☎ 055.534207 – Fax 534289

Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Mário da Glória Vaz
P. Pedro Lourenço Ferreira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780 PAÇO DE ARCOS
☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1995)	2.500\$00
Espanha	Ptas 2.500
Estrangeiro	USA \$ 30
Número avulso	700\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

CHAMADOS À SANTIDADE

P. ALPOIM PORTUGAL

«Deus concorre em tudo para o bem daqueles que O amam... Porque os que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que Ele seja o primogénito de muitos irmãos. E aqueles que predestinou, também os chamou; e aqueles que chamou, também os justificou; e aqueles que justificou, também os glorificou» (Rm 8, 28-30).¹

«Os cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade» (LG 40). Todos são chamados à santidade: «Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48). «Para alcançar esta perfeição empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que Cristo as dá, a fim de que... obedecendo em tudo à vontade do Pai, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de todos os santos» (LG 40).²

Estas palavras que o *Catecismo da Igreja Católica* tão bem nos recorda ao começar a falar da «santidade cristã» são, todas elas, uma

¹ Citado pelo *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2012.

² *Id.*, nº 2013.

ótima introdução a este número da nossa Revista de Espiritualidade que desta vez quer abordar o tema da *Santidade* dos filhos de Deus.

Não será uma ideia já caduca falar hoje de santidade, ou de santos? Quem são? Serão como nós muitas vezes os imaginamos: homens, mulheres que viveram heroicamente; homens, mulheres moralmente perfeitos?

«Não tenhais medo de ser santos», recordava mais uma vez o Papa João Paulo II.³

Na verdade, os santos falam-nos do mistério do homem que é chamado à comunhão com o seu Deus e à comunhão com todos os homens e mulheres seus irmãos. Podemos realmente olhá-los como o *lugar* ao qual nós estamos chamados a chegar: amantes de Deus tornados, por Ele, amantes do homem, porque Deus mesmo é o caminho para a santidade por um coração pobre, purificado, lavrado pelas bem-aventuranças.

Falar de santos, os «amigos de Deus», é falar de disponibilidade, de acolhimento, de pobreza, de alegria, de humildade, muito mais do que de conquista, de sucesso, de riqueza...

Reparemos na atitude dos «santos pecadores» do Evangelho: Zaqueu, Maria Madalena, Pedro, o centurião... Descubrem que são pecadores no dia em que sentem sobre eles o olhar de Cristo: não um olhar que ameaça ou condena, mas um olhar de amor. Cristo estende-lhes a mão e eles voltam cheios de confiança.

O «amigo de Deus» crê na força do seu Senhor, para si e para os outros. Ele é construtor de vida nova, semeador de perdão, músico do amor. Transforma pouco a pouco as trevas em luz. No meio da crise não permanece como num beco sem saída, porque se esforça, na sua vida quotidiana, por ser a testemunha de Cristo ressuscitado.

Não pensemos que o caminho da santidade está reservado só a uns quantos privilegiados. Deus chama-nos a todos à santidade sejam quais forem os nossos insucessos, faltas, mediocridades..., ou o que nos rodeia. Somos convidados a viver a partir de hoje o chamamento insistente do Senhor: «Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48).

³ Da homilia de João Paulo II, no «Monte do Gozo», em Santiago de Compostela, no dia 20 Agosto de 1989, interpelando a todos sobre o seu compromisso cristão.

SANTIDADE E FELICIDADE

P. JOSÉ TOMÁS SEGURA

Introdução

A mera apresentação deste tema proporciona-nos uma razão suficiente para interessar a qualquer pessoa que pense profundamente na problemática da vida humana. Hoje, mais do que nunca, tudo se discute e resolve sobre uma base antropológica por ser a primeira realidade com a qual o homem se encara e que é a sua própria existência.

Ninguém ousará duvidar que o desejo primário dos homens de qualquer tempo e lugar, é conhecer o seu destino último e ao mesmo tempo procurar que a vida, valor supremo do ser humano, seja uma passagem feliz contando com meios seguros de atingir a finalidade para a qual o homem vive e é destinado.

Como se constrói a felicidade, eis a pergunta que está dentro de todo o homem que foi chamado para a vida. Não se entende muito bem porquê na realidade da existência a felicidade está ausente da vida de muitíssimos homens. Quem é o verdadeiro construtor da felicidade humana? Temos a impressão de que ela não nos é dada de graça. Onde estará o segredo misterioso que tanto inquieta o espírito humano? O homem, pela excelência dos seus dotes, terá que ir descobrindo, por si mesmo, o sentido da existência e compreender que se vive para cumprir uma missão; por isso, encontrada esta razão, todos os caminhos estão abertos ao homem para tentar essa felicidade que, sem dúvida, é a meta dos seres mais favorecidos da criação.

As origens

A leitura do livro dos livros, a Bíblia, mostra o homem primitivo perdido na escuridão dum tempo sem história conhecida, sujeito à intempérie e à incerteza do seu futuro. Todavia, a Revelação transmite-nos dados extraordinários acerca da criação do mundo e do próprio homem, afirmando que este foi criado por Deus em justiça original que vem a significar que possui o perfeito equilíbrio das suas faculdades mais nobres e que era consciente da sua dignidade e dos seus deveres. O homem não via outro ser que lhe fosse igual e, por esta privilegiada situação, pensou que não havia outra lei que a sua própria vontade. Esta orgulhosa atitude e a sua posterior rebeldia são assumidas por lei genética pela posteridade como uma herança. Quando isto aconteceu, o homem viu-se indeciso perante a dualidade de fazer o bem e de fazer o mal: esta constatação de sujeito livre, contingente e mortal, abriu-lhe a consciência do que perdeu, ao verificar a morte, como nova condição das criaturas.

Por um novo gesto de bondade de Deus Criador, rasgado que foi o primeiro plano que o fazia imortal, começa uma nova história, a de todos os vindouros que lhe sucederam, que ganharão o pão com o suor da fronte, e aceitando como lei o trabalho para transformar a terra ingrata. Mesmo assim, não deixa de ser extraordinário o projecto que Deus tem para o homem: transformar o mundo, mas na dependência à vontade de Deus que não abandona o homem ao seu próprio destino mas aceitando que a única forma de ser feliz é viver em conformidade com a lei natural que está impressa na sua consciência de criatura.

É fácil constatar na história das religiões que o homem possui na sua mente o instinto do religioso, pois sabe que tudo vem de Deus, ainda que o verdadeiro ser de Deus lhe pareça envolvido em escuridão e mistério. O homem nota em si mesmo que é livre e ao mesmo tempo vê-se indeciso entre o bem e o mal, por isso se apercebe que é responsável dos seus actos e que só fazendo o bem poderá chegar à felicidade. O bem torna-se-lhe difícil e o mal parece-lhe mais atractivo e vantajoso porque se liberta aparentemente da lei. O homem não ficou tão obnubilado na sua razão que não reconheça os deveres naturais, mas admite que é a criatura mais favorecida com dons singulares e exclusivos como são a inteligência e o domínio sobre todos os outros seres da criação. Os homens em permanente crescimento e expansão povoaram a terra e deram os primeiros passos na

sua caminhada histórica. Na longa noite dos tempos vai-se realizando o projecto da sociedade humana.

A verdadeira história dos povos primitivos permanece na sombra, pois não existe cronologia nem medida exacta do tempo. A Bíblia apresenta-nos algures a figura excelsa do patriarca Abraão que se preocupa em transmitir à sua tribo que na condução dos povos através da História os homens são soberanos ao traçar o seu destino, mas ao mesmo tempo estão sujeitos a todas as alternativas que se dão no desfecho dos acontecimentos. Abraão obedecendo a uma voz interior, deixa a sua terra com toda a parentela e emigra para o lugar que lhe é indicado: «– Deixa a tua terra... e farei de ti Pai duma grande nação» (*Gn* 12, 1-2). Desta feita surge o caminho da fé que vai suscitar a esperança do povo Hebreu, depositário da promessa.

A condução «palpável» de Deus fez brotar na consciência dos Patriarcas e nos seus descendentes a certeza de que Deus caminhava com eles na longa e difícil caminhada para uma terra de emigração. Esta confiança torna-se tão patente que todos acreditam que Deus está com eles conquanto não abandonem o culto do verdadeiro Deus.

Nos êxitos e fracassos deste povo brilha sempre uma forte confiança que toma posse deles e assim chegam os tempos heróicos de Moisés, o grande Libertador e líder deste Povo, e com ele se decide a sobrevivência dos Israelitas que são salvos da extinção e se diria que pela intervenção quase visível de Deus, saiem da escravidão do Egipto pela mão de Moisés a quem Deus fala na sarça ardente, e assim fica ciente que a terra de promessa será um dia possuída por este povo, uma terra que manava leite e mel e que será património do povo hebreu para sempre.

O grande Rei, David, engrandeceu esta terra porque Deus o escolheu para mostrar aos povos vizinhos que não havia outro Deus como o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob. Mais tarde o povo virou-se para os deuses estrangeiros e em castigo da sua infidelidade tiveram que suportar o exílio de Babilónia e da Pérsia, onde os fiéis Israelitas conservaram a fé dos seus maiores; foi uma prova e uma noite escura que lhes abriu os olhos para regressar ao bom caminho e restaurar o culto do templo de Jerusalém.

Resulta, pois, evidente, neste breve filme, que Deus se mostrava propício quando se mantinham fiéis à aliança do Senhor e caíam na desgraça quando prevaricavam. Este profundo sentimento era o que os mantinha na fé de que Deus os destinava para um grande destino.

«Ao chegar a plenitude dos tempos»

O que aconteceu ao povo Hebreu é figura do que acontece sempre a todos os povos no curso da História. A fé condiciona o modo de ler os acontecimentos nos momentos de prosperidade e nas decadências dos impérios. A fé colectiva dum povo leva-o a conservar na memória os feitos gloriosos e a criar a consciência da sua identidade. Quando a decadência deste povo chegou como ameaça da sua sobrevivência e quando as promessas estavam quase esquecidas, chega a “plenitude dos tempos” no momento da história em que nasce Jesus Cristo. Que podiam esperar numa nação ocupada por uma potência estrangeira? Foi nestas circunstâncias que tudo se resolveu conforme as profecias anunciavam. O momento transcendental da História universal está iminente quando as esperanças estavam quase mortas. O Reino messiânico será a culminação da sua grandeza e tudo mudará para eles.

Jesus não tem uma ideia imperialista do messianismo e desilude os próprios judeus, quando, na opinião de muitos, Ele reunia as condições para que o seu sonho se realizasse. A Boa Nova do Reino que Ele anuncia, não é construir um reino neste mundo pela conquista das armas, como foram todos os grandes impérios. Jesus diz que o Reino de Deus se constrói dentro do homem e que os verdadeiros adoradores do Pai, não o fazem em Jerusalém ou no Monte Garizim, mas em espírito e em verdade (cf. *Jo* 4, 21-24). Não serão felizes os poderosos nem os sábios deste mundo, mas aqueles que se façam como crianças, aceitando as Bem-aventuranças: estranha forma de ser feliz...!

Santidade segundo o Evangelho

Como definir a santidade tal como no-la revela Jesus no evangelho?

Ele mesmo não utiliza outra fórmula que esta tão fácil de compreender: será santo o meu seguidor, o que cumpra a vontade do Pai que está nos Céus. É fácil deduzir que a santidade consiste em amar a Deus e ao próximo, verdadeira síntese da Lei da Nova Aliança.

Ser santo é ser fiel ao seguimento de Jesus, mas com a condição de deixar tudo por Ele. Paradoxalmente os pobres estão mais perto da felicidade que Ele promete, e dar a vida é uma exigência do seu Reino.

Não se aprendem no Evangelho grandes teses teológicas, mas apenas o mandamento novo do amor a Deus e do amor ao homem. Ser santo é para Jesus uma exigência do Reino formulada assim: «Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celeste» (*Mt* 5, 48) .

Perfeição e santidade identificam-se no Evangelho de Jesus e, no seguimento do Mestre, um valor novo é introduzido e que é constitutivo da santidade, pois não será verdadeiro discípulo de Jesus quem não tome a sua cruz e o siga. Mas a cruz será compatível com a felicidade? Se na realidade convinha que o Filho do Homem padecesse e assim entrasse na Glória, não se pode pôr outro meio de santificação: «– Quando Eu for levantado no alto da cruz, atrairei a Mim todas as coisas» (*Jo* 12, 32). A Santidade não pode prescindir da cruz como elemento santificador, porque isso significaria inventar outro evangelho sem cruz e não seria aceitável.

É pela cruz que nos unimos a Jesus e assim Ele dir-nos-á com toda a clareza: «– Quem não toma a sua cruz, não é digno de Mim» (*Mt* 10, 38). Por esta lógica, para chegar a Deus, é preciso passar pelo crisol do sofrimento onde se realiza esta verdadeira união com Deus: é uma consequência cristológica da santidade.

A Encarnação e a Redenção realizam-se, na sua totalidade, na cruz do Calvário e na Ressurreição: destes mistérios dimana a graça que é o elemento santificador que nos vem por infusão do Espírito Santo. Esta inserção, iniciada no baptismo, dá-nos o direito e a possibilidade de chamar-nos santos.

A união com Deus realiza-se em nós pelos merecimentos de Jesus que é caminho, verdade e vida. Pela força do Espírito e atraídos por Jesus, não há outro caminho de santidade do que a purificação pela cruz. Portanto, é uma chamada universal e dá-se em todos os estados do homem como no-lo afirma o concílio Vaticano II: «Uma mesma santidade é cultivada por todos aqueles que, nos vários géneros de vida e nas diferentes profissões, são guiados pelo Espírito de Deus e, obedecendo à voz do Pai e adorando-O em espírito e verdade, seguem a Cristo pobre, humilde e carregado com a cruz, para merecerem participar na Sua glória» (*L.G.* 41). Entende-se bem que a santidade seja a meta de todos os cristãos e assim o declara ainda o concílio: a santidade significa uma chamada universal de Deus à comunhão íntima com Ele; na Igreja todo o tecido de verdades, mandamentos, sacramentos, virtudes teologais e morais, obedece ao mesmo mecanismo e se ordenam à união com Cristo sem a qual a santidade não tem princípio nem fim.

A espiritualidade do Evangelho é um processo de santificação e supõe a inserção em Cristo para chegar a Deus: «sem Mim nada podeis fazer» (*Jó* 15, 5). Por isso, esta dimensão cristológica e pneumática da vida e da santidade cristãs, confere a esta doutrina uma razão eficaz de que a tendência à santidade é uma exigência dos próprios princípios que estão imanentes no organismo vivo que é a vida da graça em união com Cristo.

Santidade e seguimento de Jesus

A manifestação da santidade concreta dos crentes tem uma multiforme variedade, pois Deus suscita na Igreja tipos de santidade tão variados que cada santo na sua singularidade ensina um modo distinto de chegar a Deus. A história da Igreja é elucidativa desta realidade porque os santos transmitem sempre uma mensagem nova em cada tempo. A acção de Deus manifesta-se, pois, em cada homem, a partir da sua peculiar maneira de ser que é original, como também distinta é a sua personalidade.

O seguidor de Jesus age com plena liberdade quando se decide com determinação a seguir este caminho e aceita também a missão a que Deus o chama. Sem dúvida o Senhor concede a cada santo a graça proporcional à sua própria missão, como fez com Maria, Mãe de Jesus, a quem enriquece com a plenitude da graça que lhe era exigida para tão sublime missão. Com larga generosidade foram favorecidos os Apóstolos, os Mártires e os Fundadores das Ordens religiosas segundo a própria peculiaridade.

Não se podem aplicar os modos de agir humanos aos modos que Deus usa nos seus palnos, porque os desígnios de Deus são imperscrutáveis. É certo, porém, que na Igreja houve santos que mesmo passando por grandes crises, mostraram ao mundo que existia neles uma força interior que os impulsionava, e com ela foram capazes de vencer todas as barreiras. A espiritualidade eclesial nutre-se destes exemplos admiráveis e avança com determinação na expansão do Reino de Deus no mundo.

A santidade está projectada sobre a vida humana e opera silenciosamente a conversão dos homens, e dá ao viver quotidiano um valor sublimado que é o valor divino do humano. A santidade encontra-se na corrente da vida, por isso haverá santos em todos os ambientes onde o homem está presente. A santidade é meta irrenunciável de todas as formas de vida. Se os bens materiais atraem o homem, não é menos verdade que os bens que a espiritualidade nos apresenta têm imensos seguidores. Ser santo é custoso, todavia é o projecto que enaltece mais o esforço humano.

Ninguém escolhe melhor do que aquele que se lança atrás do essencial.

Vejam os que nos diz S. Paulo na Espístola aos Efésios e já não precisaremos de mais argumentos: «Foi assim que n'Ele nos escolheu antes da constituição do mundo, para sermos santos e imaculados diante dos seus olhos. Predestinou-nos para sermos Seus filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo, por Sua livre vontade» (*Ef* 1, 4-5). Alguém escreveu que não ser santos é uma loucura, por conseguinte, todos estamos chamados à santidade, centrando a vida no serviço de Deus e dos homens, se queremos experimentar a verdadeira felicidade.

Quem mais deixa, mais capacidade tem de se abrir à posse do bem essencial que nos leva à plenitude de todos os bens que só se consegue na renúncia total de si mesmo, para dar lugar a que Deus nos possua.

Assim nos promete Jesus o cem por um se deixarmos pai e mãe e tudo o que honestamente possuímos em troca dum bem melhor (cf. *Mt* 19, 29). O verdadeiro seguidor de Cristo não sente amargura pelo que deixa mas experimenta alegria profunda porque Deus nos compensa sobejamente. O valor das coisas não está apenas em si mesmas, mas em saber usá-las sem apego; não é o valor útil o mais importante senão descobrir em cada coisa um dom que Deus nos faz. Sabemos por experiência própria que o coração é insaciável nos seus desejos e que quanto mais tem mais insatisfeito fica. Podemos deduzir que deve existir alguma coisa que proporcione ao coração satisfação completa e essa pérola preciosa é o amor de Deus.

Os santos sentiam sede de amor e privados dos bens materiais eram felizes e experimentavam uma alegria interior que o homem imerso na riqueza não conhece. É possível que muitos não acreditem que os santos eram felizes, tal como o mundo interpreta a felicidade, mas temos exemplos de homens que fizeram todas as experiências do prazer humano mas sentiram-se vazios, como Agostinho de Hipona que «comeu de todos os frutos» e sentiu-se vazio até ao dia em que se encontrou com a verdade de Jesus, exclamando cheio de felicidade: «Tarde Te conheci, oh Verdade sempre antiga e sempre nova. Fizeste-nos para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousa em Ti».

Ir buscando pela vida caminhos de felicidade, é verificar que Deus nos procura primeiro antes que nos decidamos a procurá-lo. Existem muitos Damascos nas encruzilhadas da vida, e felizes de nós se algum dia caímos do cavalo das nossas ambições, para dizer: «Que quereis, Senhor, de

mim?»). Nesse momento está a chave que nos abre o caminho da felicidade que nos conduz a Deus, única fonte de felicidade.

Decisões como a de Paulo de Tarso e Agostinho são uma viragem radical que é necessária para encontrar o verdadeiro rumo da vida. Deus aparece sempre nas situações mais imprevistas, como acabamos de ver. Depois que se encontra o rumo certo, tudo se clarifica. Os santos já não voltaram atrás nas suas decisões e lançaram-se à aventura da santidade, a que encontra o caminho certo.

A experiência dos santos não foi viver num mar de rosas senão sujeitar-se às provas mais árduas da vida com absoluta confiança e com alegria transbordante. Eles são um exemplo para os indecisos que estão sempre começando e desistindo. Seguir a iniciativa de Deus é uma força irresistível que não consente que voltemos a pegar no que deixámos.

Agora só resta amar e servir, e neste lema encontram eles a fonte da felicidade e já não custam as provas heróicas a que são submetidos porque tudo podem no Senhor que os conforta. Tudo se suporta quando sabemos que andamos no caminho certo. Deixar tudo por Deus é não sentir falta de nada. Não desanimam nos aparentes fracassos porque sentem que Ele está presente até no abandono dos homens. Nunca um santo teve tarefas fáceis, mas jamais perderá a fortaleza de espírito.

Sentir alegria na contradição e experimentar a felicidade no sofrimento é sinal de que algo existe no coração do santo que lhe inspira confiança e até a certeza de que não se encontra só. Suportam crises de fé com ânimo sereno e quando são incompreendidos por aqueles que partilhavam a mesma vida, conservam-se em paz. O santo não está garantido para as coisas deste mundo: é o solidário dos homens na desgraça e nas provas a que a vida o submete, sente a presença d'Aquele a quem serve.

A vida foi para eles uma forma de realizar a construção do reino de Deus no mundo que os rodeava, promovendo em favor dos homens realizações que ainda perduram depois de muitos séculos passados. Servir a Deus significava para eles servir também a humanidade, por isso os seus nomes estão na história da cultura e nas obras de beneficência.

Só é feliz aquele que vive para os outros e não há nada que tenha mais valor do que entregar-se a qualquer causa, mais por amor que por interesse. Ficamos fascinados com homens que foram extraordinários pela forma tão atractiva como interpretavam a santidade, como

Francisco de Assis, que cantava com os pássaros e passeava com o irmão lobo num testemunho eloquente de amor à natureza. A sua vida ilumina toda a história medieval com o encanto da sua mensagem na qual a natureza e o homem louvam juntos o Criador. A pobreza franciscana subjuga e enriquece os cinco continentes com a presença dos seus hábitos remendados. São trovadores duma aventura divina.

Não foi menos fascinante no século XVI uma monja castelhana, Teresa de Ávila, de quem um famoso escritor disse pela sua humanidade e santidade conjuntas ter sido a mais divina e humana mulher depois de Maria Santíssima. Leia quem quiser as suas obras e verificará como uma mulher débil, sem meios humanos, realizou a portentosa reforma da Ordem dos Carmelitas e ela convencer-nos-á de que a santidade não encontra barreiras impossíveis e que é mais eficaz do que o talento dos homens tidos como seres extraordinários. Nada há mais feliz e atractivo do que um santo que seja verdadeiramente humano como Teresa de Ávila e Francisco de Assis.

Com S. João da Cruz talvez possamos ficar desorientados se repararmos que a sua vida foi um rosário de sofrimentos e não soubermos captar a sua espiritualidade, assustados com os seus «nadas»; contudo, do nada nos leva à plenitude do Amor místico cantando como poeta exímio o amor de Deus como verdadeiro enamorado que sai em busca do Amado por montes e ribeiras, perguntando a todas as criaturas se por elas passou aquele que é enlevo da sua alma. No seu enalço correu nos nossos tempos a Beata Isabel da Trindade que sentia que no Céu da sua alma estava Deus tão presente como se encontra no Céu dos bem-aventurados. Não queríamos demonstrar que a santidade e a felicidade moram juntas: os santos assim no-las mostram.

Outra estrela de santidade brilha na Igreja da modernidade onde o materialismo assentou arraiais: é Teresa de Lisieux que oculta os rigores da cruz entre rosas e sorrisos e que escolhe ser criança, convencida que nos braços da confiança, o Pai vai subi-la no ascensor divino, ensinando ao mundo que a santidade é só confiar-se e abandonar-se nos braços de Quem nos ama e nos espera. Até as almas mais pequeninas se sentem capazes de chegar a ser tudo na Igreja conquanto sintam no coração a mesma ânsia que Teresinha teve para chegar pelo caminho mais fácil que é a infância espiritual.

A santidade do santo emerge da certeza de ser amado e na capacidade de transformar tudo em amor porque só o amor é que nos dá a verdadeira felicidade. O amor e a vida identificam-se, por isso

nascemos para amar e viver. Que são e que significam as bem-aventuranças de Jesus senão o verdadeiro código da felicidade e da santidade juntas? Os santos que transformam a cruz em amor, serão sempre felizes e as suas vidas autênticos argumentos do que tentámos demonstrar: que qualquer homem que sinta que Deus o ama, quando o chama à vida e à fé, será capaz de experimentar a felicidade, com possibilidade de escalar o cume da santidade, como o foram tantos homens que a isso se determinaram pela força do amor, que é o único impulso que sentem todos os homens que saíem de si mesmos e do seu egoísmo e se convencem que os santos não são de outros tempos; em todos existe a capacidade de transformar as pequenas coisas e o trivial da vida em sementes de santidade, pois não há outra ciência verdadeira do que aquela que nos ajuda a fazer que a própria vida seja o pedestal da santidade: aprender a ser homens é começar a ser santos. Toda a energia viva é ao mesmo tempo fonte de alegria e felicidade se encontrarmos o tesouro escondido que está oculto em todas as coisas.

Não se pode pensar que a vitalidade da Igreja e do mundo se esgotou e que não há homens justos e pessoas capazes de oferecer a vida ao serviço dos outros, sejam pobres ou marginalizados deste mundo; eles não o fazem por filantropia, mas por serem filhos de Deus, que chama todos os homens ao mesmo destino que é a comunhão com Ele por união na pátria definitiva.

Se a vida é bela como supremo dom de Deus, ela está sempre aberta à possibilidade da felicidade que se vai construindo dia a dia por caminhos dignos através do trabalho constante, único instrumento para fazer homens dignos e santos que se possam apresentar como modelos. Viver é maravilhoso porque nos permite descobrir caminhos de felicidade e de santidade. A natureza e a graça são conduzidas pela mesma força do Espírito, porque ambos os caminhos conduzem ao mesmo fim.

Onde tudo é relativo há, contudo, possibilidade de buscar o bem absoluto que consiste em encontrar a Deus, pois n'Ele se resolvem todos os anseios de felicidade que o homem sente.

Vida e santidade

Viver com dignidade a vida humana é caminho aberto para a fé, e amando a vida, construímos um mundo onde todos se amam e se

respeitam. O último exame ao qual seremos submetidos será na ciência do amor: se amaste verdadeiramente, serás feliz na comunhão com Deus.

A santidade supõe a procura e a vivência do bem essencial que é a perfeição do amor, que já era o mandamento principal da Lei de Moisés e que, na Nova Lei, Jesus formula assim: «Um Mandamento novo vos dou: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (*Jo* 13, 34).

As coisas que possuímos proporcionam-nos relativa felicidade mas acabam por cansar, mas a certeza de que somos amados por Deus supera todos os bens juntos, por isso a nossa pertença a Ele é motivo de profunda alegria. Esta verdade fica confirmada e iluminada quando Jesus nos revela que Deus é o Pai que nos ama e que se preocupa com a sorte dos homens, porque são verdadeiros filhos de Deus, que nos manda que O chamemos assim: Abbá, Pai! Não será exagerado dizer que só o amor gera felicidade, de tal modo que a vida sem amor é um fracasso e não tem aliciantes, porque o coração está vazio e seco.

Se o amor é a substância de todas as coisas e o sentimento que brota com naturalidade da própria vida, quem possui a Deus por amor, tem a posse plena da felicidade. Quem ama tem o direito de ser amado e esta reciprocidade, quer seja entre irmãos de sangue, quer seja entre amigos, torna-se maior quando rezam a Deus, Pai de todos, onde reside a felicidade das criaturas.

Se a santidade, como foi dito, consiste no amor de Deus, deduzimos que amor e santidade se encontram juntos na espiritualidade cristã, que se define como um caminho para chegar à plenitude do amor, e que nos leva à posse de Deus nesta vida e à contemplação de Deus face a face na eternidade.

O amor não nos livra da cruz, mas suavisa o sofrimento, e até não podemos prescindir dela como meio de santificação. A experiência mostra-nos o que somos capazes de fazer por aqueles que amamos verdadeiramente. No próprio evangelho vemos, através dos ensinamentos de Jesus, que amar é dar a vida, momento a momento, e ao mesmo tempo louvar a Deus quando nos dá ocasião de sofrer por Ele.

O amor não tem limites nem medidas, inclusive amar a vida é saber perdê-la, oferecendo-a por Deus e pelos homens, pois o verdadeiro amor cristão tem esta dupla componente: juntar o amor de Deus e o amor do homem.

A felicidade e a santidade têm sinais visíveis no concreto da vida, sobretudo na entrega e no serviço aos outros. Deus, porém, recompensa sobejamente ainda nesta vida, mas é só por uma razão: dá o cem por um a quem deixa tudo por Ele, pois quem não sai de si, não sabe o que é amar; daí que só na exigência do Reino se alcança a felicidade.

A alegria e a felicidade são frutos do Espírito e encontram-se na decisão de renunciar a tudo por amor; assim, recebem o justo prêmio da sua generosidade, pois não há melhor pagador do que o próprio Deus, como diz Teresa de Jesus. Todos os santos souberam, por experiência, que Deus os compensou largamente em vida, e que nada existe comparável a possuir Deus.

Se alguém pensa que ser santo não interessa e não tem nenhuma utilidade porque o consideram uma loucura, está perto de coincidir com a Sagrada Escritura que nos diz que a Sabedoria de Deus é loucura para os homens deste mundo. Apesar de nos lamentarmos de que o mundo moderno, preso do consumismo e do materialismo, perdeu a bússola da fé, não faltam, contudo, verdadeiros santos perto de nós que, no seu viver quotidiano, são exemplos vivos de santidade que, na sombra e no anonimato, exalam o perfume das suas virtudes em todos os lugares e circunstâncias: eles são a demonstração palpável de que a Igreja e o mundo são sementeiras de santidade que, sem chamar a atenção, são verdadeiramente felizes com o pouco que a sociedade lhes deu. Eles vivem em permanente acção de graças a Deus que faz crescer lírios de santidade nos lodos deste mundo perverso, porque em Jesus, modelo universal, todos os homens serão felizes se na verdade acreditam nas bem-aventuranças da felicidade, código perfeito de santidade: elas, na verdade, são a quintessência do evangelho. Se, de facto, a felicidade consiste na união com Deus por amor, amar a Deus, e sentir-se amado por Ele, será a única fonte de felicidade. É precisamente nesta esperança de possuir a Deus por amor que se é feliz ainda neste mundo, e que seja possível que coexistam a cruz e a felicidade naqueles que vivem em clima de fé, pois sabem muito bem por S. Paulo que «nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem, o que Deus preparou para aqueles que o amam» (*1Cor 2,9*).

Fica, pois, claro que toda a razão de viver está posta no amor a Deus e no amor ao homem e nesse duplo amor está toda a santidade e toda a felicidade do ser humano no tempo e na eternidade.

UMA SANTA PARA HOJE

SANTA TERESA DOS ANDES

P. FELIX MALAX*

Introdução

Não me é fácil apresentar a vida de Teresa dos Andes [Joanita] como um ponto de referência e de atracção para os homens e mulheres do nosso tempo. Esta dificuldade surge não pela ausência de acontecimentos e aspectos cheios de interesse que a sua vida contém, mas pela escolha de temas e pessoas a quem se possa apresentar uma jovem, cristã e carmelita do nosso século.

Na verdade, ao pretender seleccionar os aspectos da sua vida que hoje mais nos poderiam interessar, corremos o risco de errar por centrar demasiado a nossa atenção nalguns temas e esquecer outros não menos importantes. Também, no fim, podemos chegar à conclusão de que, afinal, «ela interessa a toda a gente».

A sua vida está, de facto, impregnada de variadas circunstâncias e assuntos que hoje nos interessam de sobremaneira: catequese, desporto, música e festa, estudos, família, temperamento, amizade, droga, agnosticismo, obras de caridade, oração, vida religiosa, o Carmelo.

* Definidor Geral da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços, pronunciou esta conferência na XIV Semana de Espiritualidad, realizada em Segovia, Espanha, em 26-31 de Dezembro de 1994.

Todas as notas que indicarmos referem-se quer a testemunhos da própria Santa Teresa dos Andes, Joanita Fernández, de suas amigas e colegas, que se encontram na *Positio*, quer a citações do seu *Diário* e das suas *Cartas*.

De igual modo podemos referir um elenco de pessoas a quem esta personagem pode interessar: jovens e adultos com ou sem problemas, ateus e crentes, firmes e desorientados, leigos e religiosos.

Querendo ser prático e não exaustivo, apresentarei quatro momentos fortes que Teresa dos Andes viveu intensamente e que, de algum modo, abragem os aspectos essenciais que a caracterizam através duma relação concreta com pessoas.

Crise familiar e económica: seus pais

Todos nós somos conscientes das mudanças profundas por que passou a família na cultura ocidental. Também nas famílias cristãs. E, certamente, o bem-estar e a queda de muitas barreiras tradicionais não contribuíram muito para melhorar a felicidade integral dos cônjuges e dos filhos. Penso que as instituições matrimoniais e familiares têm uma enorme base de experiência histórica onde se apoiam as religiões e as civilizações.

Porém, temos de nos situar na realidade dos acontecimentos do mundo actual. Há cônjuges e famílias que se realizam plenamente, no meio das dificuldades que são de todos os tempos; há cônjuges e famílias que se realizam só a meias; e há ainda outras famílias que jamais se realizam como tais.

1. O casal Fernández Solar

Não há dúvida que o casamento dos pais de Joanita se manteve graças aos seus profundos princípios cristãos. Toda a infra-estrutura estava bem preparada para que tudo funcionasse à boa maneira cristã.

Joanita teve um papel relevante dentro da sua própria família: «Na sua família deixou uma marca profunda através da sua piedade para com Deus e o carinho para com seus pais e irmãos. Chamavam-lhe a “jóia da casa”. Dom Miguel distinguia-a entre os seus irmãos. [Joanita] tinha uma forte preferência por Luís, compreendiam-se muito bem... Amava muito sua mãe, mas parece-me que gostava mais do seu pai. Tudo partilhava com os seus familiares, não era egoísta».¹

¹ Testemunho de Maria Josefina Salas, uma das suas amigas.

Joanita tinha um grande amor filial à sua mãe, que era uma pessoa enérgica, determinada, de reacções rápidas e irreversíveis. Nem sempre era fácil obedecer-lhe. Apesar de tudo, Joanita era uma grande admiradora da sua mãe. Também o seu pai, Miguel, era profundamente cristão, como o demonstra a comovedora carta que escreveu à sua filha, ao dar-lhe licença para entrar no Carmelo dos Andes.

2. *Os negócios não correm bem*

A pouca sorte e falta de arte na administração dos negócios foi para seu pai uma fonte de dor interminável e uma prova para a estabilidade matrimonial. Com efeito, perdeu propriedades herdadas pela sua esposa (em Chacabuco) e por ele próprio (em Melipilha). A perda de Chacabuco, lugar de tantas recordações para todos, foi um rude golpe. Ninguém queria culpar D. Miguel por nada, mas a ferida patrimonial, nostálgica e económica estava bem aberta. Tem que diminuir o número do pessoal de serviço. Serão os amigos e os familiares quem lhes oferecerão outras quintas para as suas férias. «Nasci rica – dizia Joanita – e depois perdemos tudo. Bendito seja Deus!».²

Um dia Joanita dirá, a chorar, à sua amiga Josefina Maria Salas: «O meu papá vai afundar-nos a todos». Esta mesma testemunha fala de problemas entre os pais de Joanita e atesta que esta aconselhava o seu pai: «Eu disse ao papá que vá para a herdade e que volte uma vez por mês, para evitar maiores dificuldades». E noutra ocasião Joanita dirá: «O papá é muito diferente da mamã e eu todos os dias peço ao Senhor para que se entendam».³

3. *Ajudando o seu pai*

É aqui onde Joanita aparece como uma mulher extraordinariamente madura para a sua idade, usando de todos os recursos de um amor filial imenso e uma sensibilidade feminina extraordinária. Sem dúvida alguma, D. Miguel encontrou em Joanita mais do que uma filha querida: uma amiga, uma consolação, um pano para limpar as lágrimas, um apoio para continuar a lutar, uma intercessora diante de Deus, a única pessoa que o acompanhava com as suas cartas cheias de carinho e as suas orações animadoras, nas suas longas temporadas fora da família, nos quebra-cabeças que as grandes propriedades lhe traziam. Chamava-lhe o «seu anjo da paz».⁴

² Testemunho dado por uma colega, Teresa Lyon Subercaseux.

³ Id.

⁴ Maria Josefina Salas Pereira.

Também o seu irmão Luís escreve: «Já falei dos sentimentos de conformidade com a vontade divina, quando se pôs em arrematação a fazenda de Chacabuco. Todos estávamos tristes por perdermos a grande riqueza dos Solar; porém, Joanita era a única que estava serena e nos consolava a todos, especialmente o pai».

As causas dos fracassos administrativos das herdades eram vários: a bondade de D. Miguel que o levava a confiar demasiado em pessoas que não eram tão leais como ele, as sementeiras a destempo, a inclemência atmosférica...

Podem ver-se as cartas 17, 35, 38 e 69 de Joanita, dirigidas ao seu pai, preocupado com os problemas das propriedades. A correspondência de Joanita pretende encurtar as distâncias que existem na família quer a nível geográfico quer afectivas. O carácter de D. Miguel tornava-se cada vez mais taciturno à medida que os assuntos agrícolas ou pecuários pioravam.

Por outro lado, nas cartas e cenas da vocação de Joanita, aparece a grande dimensão cristã e humana de D. Miguel que morreria poucos anos após a morte da sua filha carmelita.

A ausência prolongada do pai em relação à família e a perda de propriedades agravavam-se por causa dos rumos que ia tomando o filho mais velho, Miguel.

4. *As consequências*

Em conclusão, temos dois pontos de vista para hoje no casal Fernandez Solar: dificuldades de relação, dificuldades económicas. Escreverá Joanita: «Tenho pena, pois sempre que peço algum dinheiro ao meu papá, ele diz-me que não tem. Que hei-de fazer quando tiver de dar o dote para ser Carmelita?». ⁵ E a pena continuaria. Parecia que os males eram cada vez mais: «Deram-me a notícia de que talvez não fôssemos de férias. Por outra lado peço a Nossa Senhora para que o meu papá se confesse, para que volte a paz à nossa família. Eu sinto-me cada vez pior... Luís está cada vez mais fraco. A minha mãezinha... Oh, o que daría eu por trabalhar e poder fazê-los sair!». ⁶

Mais do que uma família, entre as muitas que hoje vão ao santuário de Auco e as que se aproximaram da vida daquele lar em dificuldades, viu já na actuação de Joanita e daquele casal um ponto de encontro para solucionar os seus problemas ou compreender as suas vicissitudes.

⁵ *Diário* 36.

⁶ *Diário* 37.

À procura da felicidade: seu irmão Miguel

Onde e como encontrar a felicidade? Todos poderíamos aduzir as mil fórmulas habituais de procurar a felicidade: dinheiro, posição social, o trabalho, o prazer, a droga, os estudos, a beneficência, a fé...

1. *O filho «pródigo»*

Na família de Joanita/Teresa temos um filho que procura essa felicidade por caminhos diferentes dos outros. Essa pessoa desvirtuada na família, a ovelha negra, o pesadelo familiar, será o outro Miguel, o Miguelão para os amigalhões, o irmão mais velho, cinco anos mais velho que Joanita. E essa pessoa procurará a felicidade fora da família; dentro dela só encontrará amizade e aceitação em Joanita.

Miguel é poeta e boémio; diz que não entra na Universidade porque o conhecimento só se adquire quando se vive intensamente a vida. E sente-se sozinho. Não encontra aceitação nem do pai, nem da mãe, nem dos irmãos. De novo Maria Josefina Salas testemunha: «Miguel (filho) era boémio, um pouco bebedor, Joanita dizia-me “Reze-mos por Miguel”. À sua mamã Lúcia Solar, Joanita dizia que para o atrair era necessário ser mais meiga».

E Luís confessa: «[O meu irmão] ficava, por vezes, fora de casa em diversões “non sanctas”. A mamã não podia tolerar isto e repreendia-o asperamente. E, quando chegava a casa, todos estávamos contra ele; mas Joanita preocupava-se em suavizar as coisas e tornar mais agradável a sua presença em casa. Eu vejo-a a entrar muitas vezes no quarto de Miguel para lhe levar o pequeno almoço. Miguel dizia: “Eu não me sinto bem em minha casa, mas está lá uma verdadeira santa”».

2. *Amado com muito carinho*

A última carta, de despedida, que Joanita escreverá antes de entrar no Carmelo será para Miguel, demonstrando-lhe o «imenso carinho que te dediquei toda a minha vida... Compreendo, ainda que tu nunca mo tenhas manifestado, que sofres; que tens a alma totalmente destroçada. Porém, muitas vezes, quis penetrar nessa ferida, mas o teu carácter reservado sempre mo ocultou. Que fazer senão calar e rezar por ti?... Amo-te muito e, se for necessário eu perder a minha vida para

que volte os teus passos e começas a verdadeira vida cristã, aqui a entrego a Deus... Não te esqueças da tua irmã que te quer tanto bem».⁷

E Miguel, ao celebrar-se o funeral da sua irmã no mosteiro carmelita dos Andes, teve que sair, comovido, da capela. E quis expressar a sua dor, amor e estima por ela nuns versos proféticos: «Ninguém a conhece, ninguém; mas os séculos falarão».⁸

E Miguel continuará a escrever poesias até à sua morte: mas a sua vida seria diferente, depois de ter cantado estes versos, ao saber que a sua irmã continuava a ajudá-lo desde a felicidade definitiva.

A pergunta sobre Deus: seu irmão Luís

A gratuidade da fé valoriza-se quando esta está em crise, quando a suspeita ou a pergunta sobre Deus é um autêntico pesadelo e, apesar de tudo, quando há por detrás uma força que empurra a acreditar. É como uma pilha que dá luz e dinamismo sabendo que, quando essa pilha deixar de funcionar, as razões já não servem para nada. Então comprova-se que a fé não é uma questão de argumentos, mas algo gratuitamente oferecido, um dom, uma graça.

1. Razões não, experiência sim

Luís, o primeiro do trio familiar íntimo (Luís, Joanita, Rebeca), é o filósofo da família, o pensador, o leitor dos escritos intelectuais. A filosofia ateia tinha posto em perigo a sua fé. E sentia uma forte angústia filosófica e religiosa, sem conseguir sair dela.

Será, mais uma vez, Luís a melhor testemunha da sua relação com Joanita neste campo: «Nunca, nem mesmo no convento, tentou refutar ou discutir as minhas angústias religiosas. Procurava aproximar-me cada vez mais dela para poder ver nela como que mais patente a certeza de Deus... Aproximar-se dela era como sentir uma realidade superior. Quando não falava, dava a impressão de que estava a escutar o que os outros não ouviam; e ouvi-la era sentir Deus mais próximo... Muitas vezes disse-me: “Porquê duvidas de Deus? Na verdade não o

⁷ Carta 93.

⁸ *Santa Teresa de los Andes*, Auco, p. 35.

sentes quando estás comigo? Nunca estou sozinha, e quando se vão todos embora, é quando oiço mais perto e mais clara a sua voz”».

E para Luís nem só os livros de filosofia lhe fazem pôr em dúvida a existência de Deus, o fazem desesperar e formular sempre mais perguntas. Vai ter também outras razões existenciais, próximas: a entrada incompreensível e inesperada da sua irmã no Carmelo, a sua morte prematura, a entrada de Rebeca no mesmo mosteiro dos Andes, a morte de seu pai, a morte prematura de Rebeca.

Mas o seu calvário de perguntas terminará um dia com a luminosidade da fé. Sem dúvida, Teresa continuava a convidá-lo a ver a Deus nela. Basta ler o seu testemunho nos Processos de canonização: «Ela influenciou a minha juventude, época turbulenta da minha vida; porque ao começar a duvidar da fé, quando estudava filosofia, e a afastar-me de Deus, ou melhor, a esquecer-me d'Ele, tive a assistência espiritual de Joanita». «Foi o anjo da guarda da minha alma, pelas orações que dirigiu a Deus, para que eu conservasse a fé e reconhecesse a sua santa Providência».

A carta escrita a Luís para lhe explicar a sua decisão de se fazer carmelita é patética, carinhosa, bem pensada, com o coração aberto, uma confissão de fé vivida, de experiência forte de Deus. Experiência, razões, fé. Toda uma filosofia vivida sobre os pontos nevrálgicos da vida: a felicidade, o amor, a passagem fugaz pela existência terrena, a divindade, Deus.⁹

Luís ficava sem Joanita e sem Deus: «Levas tudo e eu nem sequer tenho a Deus». Quando Joanita entrou nos Andes, «despediu-se de todos nós; a mim deixou-me para o fim; abraçou-me e disse-me ao ouvido: “Deus existe, irmão, nunca te esqueças disto”, e partiu para a clausura».

2. A experiência da dúvida

Teresa dos Andes, ela própria, terá uma experiência do que pode ser a dúvida ou a perda da fé. No dia 20 de Julho de 1919, já no Carmelo, terá acentos patéticos ao escrever ao Pe. Artémio Colom, SJ.: «Por vezes parece-me que tudo o que me acontece são ilusões. Outras vezes, que é o

⁹ «Quando se conhece Deus; quando no silêncio da oração ilumina a alma com um raio da sua formosura infinita; quando ilumina o entendimento com a sua sabedoria e poder; quando inflama com a sua bondade e misericórdia, olha-se com tristeza tudo o que há na terra. Não podes compreender ainda, mas eu rogarei para que Deus se manifeste um dia à tua alma, como por sua bondade infinita se manifesta à minha... Nada me pode fazer mais feliz do que Deus. Nele encontro tudo»: *Carta* 81.

demónio quem me engana para me fazer crer que sou extraordinária. Outras vezes sinto-me enjoada das minhas misérias e abandonada por Deus; e por fim, a mais terrível é a tentação contra a fé: fico numa escuridão completa, duvidando até da existência de Deus. Antontem esta tentação foi tão grande que nem me deixava rezar, pois era pior».¹⁰

Já um ano atrás, quando escrevia desde Santiago, confiava ao seu director espiritual José Blanch, CMF.: «Dúvidas também de fé; de tal maneira, reverendo Padre, que por vezes me perguntava se existia Deus, pois me sentia completamente abandonada por Ele. Olhava para o meu crucifixo e parecia-me tudo uma quimera. Chorava e implorava o auxílio de Nossa Senhora e nem sequer ela me socorria».¹¹

Que pensar da última crise de abandono de Deus e condenação eterna, que acabaria por sofrer nas vésperas da sua morte? Provavelmente um efeito natural da doença. Assim se diz na “Positio” e assim o testemunha a irmã Carmen Teresa: «São simplesmente delírios atrozes, segundo me disseram: vieram-me ao pensamento ideias e acontecimentos pouco normais».

Para outros, na continuação dos testemunhos precedentes, poderia ser uma patética incarnação das noites escuras passivas, mais difíceis e dolorosas, de S. João da Cruz.

Nestas duas hipóteses encontram-se sedimentados aspectos dalguns sermões «ultra-terrenos» escutados por Teresa na sua infância.

Quatro fotos de uma existência: Joanita/Teresa

1. Primeira foto: existência assumida

Joanita não nasce santa. Nasce com o encanto natural duma criatura; mas também com toda essa bagagem de egoísmo com o qual todos nós costumamos inaugurar este mundo, pondo a andar a máquina inata e automática de nos querermos transformar no centro de todos aqueles que nos rodeiam.

– *Não nasceu santa*

Assim o reconhecerá a sua própria mãe, apesar de a Madre priorosa dos Andes dizer que já nascera carmelita.

¹⁰ Carta 116.

¹¹ Carta 29; cf. Carta 66.

As qualidades do colégio de meninas eram as clássicas, além da piedade. Entre essas qualidades ocupava um lugar proeminente a formação do carácter. E Joanita recordá-lo-á no seu Diário. Era a sua preocupação. Tinha que lutar: «No mês do Sagrado Coração eu modifiquei completamente o meu carácter. Tanto que a minha mamã estava feliz... Custava-me muito obedecer, sobretudo quando me mandavam; por fraqueza demorava-me a fazer fosse o que fosse. Então disse-me a mim mesma que, ainda que não me mandas-sem, iria a correr antes que os outros. Não guerreava com as outras crianças. Por vezes até mordida os lábios e apressava-me a vestir-me. Fazia muitas coisas; apontava-as numa caderneta. Tinha a caderneta cheia desses actos».¹²

Tudo isto di-lo ela com respeito ao que aconteceu por volta da sua primeira comunhão. Ela, que ia à Missa todos os dias com a sua mãe, teria desejado fazê-lo muito cedo. Mas a sua mãe não a achava tão boazinha como para fazer a primeira comunhão. Tinha que melhorar aquele carácter e as guerrilhas com os irmãos, e as suas zangas, que ela classificava de “ferozes”.¹³

Do ponto de vista humano, Joanita é uma rapariga normal. Dá realmente prazer ouvi-la falar da sua operação à apendicite que, então, como qualquer outra operação, tinha os seus riscos. «Sentia uma repugnância tão grande em dormir em camas onde outros doentes já tinham estado antes! Era um horror».¹⁴ Sentia-se como um cordeiro levado para o matadouro. E via os seus médicos como se fossem autênticos “carniceiros”.¹⁵

E mais tarde, em Agosto de 1918, falar-nos-á dos seus dentes: «Tiraram-me uma mó, graças a Deus; mas cloroformizada. Sofri tanto com essa mó que nem posso descrever. Estive duas noites sem dormir, e ontem gritava de dores; mas à noite propus-me não chorar para o oferecer a Deus, e aguentei a dor toda a noite sem me queixar. Gosto da minha mó porque me fez sofrer».¹⁶

– *Caminhando de pé*

A mudança não foi tão rápida. Custou-lhe muito. A sua mãe confessa: «Costumava ter as suas zangas que se traduziam num mar de lágrimas e tenacidade para não obedecer. Foi-o conseguindo vencer

¹² Diário 5.

¹³ *Ib.*

¹⁴ Diário 8.

¹⁵ *Ib.*

¹⁶ Diário 41.

depois adquirindo grande domínio sobre si mesma... Não se pense que Joanita era uma criança diferente das demais».

Existem dois momentos muito significativos na sua vida: a primeira comunhão e o chamamento ao Carmelo.

«A partir da primeira comunhão produziu-se uma transformação na minha irmã de tal maneira que começou a actuar numa atmosfera espiritual e a dar sinais de virtudes que se foram aperfeiçoando paulatinamente em grau ascendente: mais bondosa, abnegada, humilde e serviçal; parece que começou a tomar Deus muito a sério».¹⁷

Tem já 15 anos. Está decidida a ser carmelita. A sua vida espiritual vai crescendo com muita força. Nesse mesmo ano fará voto de virgindade. Mas ainda sentirá rebeldias no seu carácter. Vai contar-nos uma das suas no cenar seu Diário, “para maior humilhação”. E acrescenta que tudo aquilo “foi tão grande que até parecia que estava louca”.¹⁸

Como fruto de umas leituras que fizera, aos 17 anos tomará uma série de resoluções. Entre elas aparece a sua preocupação por “castigar o seu orgulho”.¹⁹ Terá uma grande temporada cheia de fortes lutas contra o seu amor próprio, espontâneo e repentino.

Escreverá: «Compreendi que o que mais me afasta de Deus é o meu orgulho. A partir de hoje quero e proponho-me ser humilde».²⁰ «Lucia convidou Rebeca para ir ver as freiras, e a mim não... Toda a pena com que fiquei foi por causa do amor próprio que tenho. Proponho-me acabar com ele pela raiz. Que Jesus e Maria me ajudem».²¹ «Ainda sou muito orgulhosa. Propor-me-ei abater até às últimas raízes o meu amor próprio. Não sei sobre que é que se pode basear pois eu sou um pequeno nada».²² Gosto que

¹⁷ Testemunho do seu irmão Luís.

¹⁸ «A causa de tudo aquilo foi que a minha irmã [Lúcia] e a minha prima não quiseram ir tomar banho juntamente connosco, porque éramos ainda muito crianças. Fiquei muito desgostada por me chamarem criança e não queria ir tomar banho, mas obrigaram-me. Quando já nos estávamos a vestir, chegaram as outras raparigas a rir-se de nós, mas respondi-lhes que não me vestiria enquanto não saíssem dali. Porém elas não quiseram ir, e a minha mamã insistiu então em que me vestisse. Eu, teimosa, não queria. A mamã bateu-me, mas foi tudo inútil. Eu chorava com tanta raiva que queria voltar para o banho... Quando fiquei mais calma arrependi-me do que tinha feito e fui pedir perdão à minha mamã... Ela não me quis perdoar, pelo que eu chorava inconsolavelmente. Fez-me sair do seu quarto e eu fui esconder-me para assim poder chorar à vontade»: *Diário* 9.

¹⁹ *Diário* 21.

²⁰ *Diário* 29. ²¹ *Diário* 26.

²² “Una nada criminal”, expressão que ela usa com muita frequência.

todas as pessoas me estimem, mas de que me servirá tudo isso se não me estima Deus?».²³

– *Como a vêem os outros*

Os testemunhos não deixam de destacar os seus aspectos positivos: físicos, psíquicos e espirituais. Mas vamos por partes.

Eis aqui um dos retratos do seu físico: «Fisicamente é muito bela. Alta para a sua idade [1, 75 m]. Olhos azuis e cabelo castanho».²⁴ «Tinha uma linda pele, sem qualquer mancha e não tinha qualquer pretensão em adornar-se».²⁵

E a opinião psicológica do filósofo Luís: «Tinha o sistema nervoso normal. Foi muito equilibrada, serena, sem demonstrar reacções violentas... Carácter tranquilo, simples. Vontade enérgica, de ferro, sem o deixar transparecer para o exterior. Muito simples de humor. A sua atitude natural era passar despercebida. Tinha um modo de ser alegre e acessível porque era muito simples no relacionamento... Certa magestade no andar... Vestia sempre com simplicidade, nunca a vi com jóias ou anéis. Gostava das coisas simples. O seu quarto era austero».

E a sua grande amiga Maria Josefina Salas Pereira acrescentará: «Era uma menina sem complicações, simples, alegre... Não sofreu a chamada crise da puberdade, precisamente por causa da sua intensa vida de piedade e pela docilidade à sua mãe, que a aconselhava e cuidava do seu desenvolvimento tanto espiritual como físico, porque a sua saúde era delicada».

E a fotografia espiritual, feita também por Luís: «Joanita era pessoa que inspirava grande respeito, algo sobrenatural que não se vê nos demais, desde o momento em que se fazia sentir a sua presença. Este fenómeno deve-se à sua vida imersa em Deus, absorpta n'Ele, pela sua profunda piedade. Quando estava em oração ou meditava, permanecia como que em êxtase, despreocupada com o que se passava à sua volta. Eu vi-a rezar no seu quarto que ficava ao lado do meu. Ninguém a notava a abrir a porta e eu

²³ *Diario* 27. E os seus propósitos continuam firmes: «Nunca mais me desculparei, ainda que seja injusto. Farei todas as coisas o melhor que puder para agradar, não às criaturas, mas a Deus... Não desprezarei qualquer ocasião que se me ofereça para me humilhar e mortificar. Cumprirei a cada momento a vontade de Deus. Creio que a santidade está no amor... Aquele que ama não tem outra vontade que não seja a do amado; logo, eu quero fazer a vontade de Jesus»: *Diario* 30. «Tento vencer o meu génio ainda que por vezes não o consiga. Acho que agora estou menos raivosa»: *Carta* 45.

²⁴ Testemunho de M.L. Guzmán Ramírez.

²⁵ Diz o seu irmão Luís.

ficava a olhá-la... Um dia fiquei surpreendido quando me disse: “Esta é a maior revolução do Senhor: fazer que o homem seja mais humano, aproximando-o de Deus”».

2. *Segunda fotografia: os estudos*

Joanita/Teresa viveu 19 anos com a sua família. Três destes anos estive internada num colégio, mas sempre bem perto da sua família. Só 11 meses da sua vida é que serão passados fora dela, no Carmelo dos Andes.

Aos 7 anos começa os seus estudos que não interromperá até aos 18. Juntamente com a sua vida familiar e espiritual, os estudos, com os períodos normais de férias e suas brincadeiras, constituem a sua principal ocupação e o motivo essencial do seu viver.

– *Aplicada*

«Era de uma inteligência comum, nada de extraordinário. Os prémios que conseguiu ficaram a dever-se mais ao seu esforço do que à sua cabeça. O prémio de comportamento ganhava-o todos os anos».²⁶

«E eu que nunca ganhei prémios! É Nossa Senhora quem nos dá agora. Peça-lhos para agradar ao meu papá e à minha mamã e, sobretudo, porque vai ser o último ano, e quero deixar boas recordações e para que vejam que, embora pense ser carmelita, sou aplicada».²⁷

Gostava muito do género narrativo e epistolar. De química não gostava nada, mas pôs aí toda a sua vontade: «Aborreço o estudo da química; mas aprendi as minhas lições por amor de Deus e para cumprir o meu dever. Prometi ao Senhor ser a primeira».²⁸

E o testemunho de Luís: «Era muito estudiosa e aplicada... Eu discutia com ela problemas de Teodiceia que aprendi no colégio de Santo Inácio e que aprofundava com leituras filosóficas. Guardei as minhas ideias e não lhe expus as minhas dúvidas para não a perturbar. Os argumentos clássicos da existência de Deus, através de provas físicas, compreendia-os com facilidade, até mesmo os conceitos mais abstratos como, ser, potência e acto, causalidade e contingência. Recordo que se impacientava se alguém interrompia as nossas conversas.

²⁶ Assim testemunhava Maria Ana Rucker Solar.

²⁷ *Diário* 24.

²⁸ Testemunho de Carmen de Castro.

Ela pedia-me que falássemos mais da pessoa de Cristo do que de temas teóricos, porque preferia ver Deus incarnado e a actuar na Pessoa sagrada de Cristo. Joanita era uma enamorada de Cristo».

– *O seu comportamento*

A palavra “dever” soava muito forte e insistentemente entre as religiosas do Sagrado Coração. E em Joanita esta sentença ficou profundamente gravada.

A sua constância de ferro teve bom êxito nos estudos, mas também no comportamento obteve bons resultados recebendo todas as distinções de boa estudante: o medalhão, a barra, a distinção de “Filha de Maria”, responsável “das alunas mais pequenas”.²⁹

– *O internato*

Foi no segundo semestre de 1915. Dona Lúcia internou as duas filhas, Joanita e Rebeca, no colégio-internato das religiosas do Sagrado Coração da Maestranza. Fala-se de uma decisão “dura, rápida e drástica”, por causa da revoada de rapazes que andavam à volta das alunas do Externato da Alameda. Juntamente com esta razão estavam também os problemas do casal Fernández Solar. Era melhor que as meninas não se apercebessem, apesar de Joanita os conhecer de cor e tentar fazer o seu melhor para os suavizar.

Joanita obedeceu, mas não lhe agradava nada o panorama do internato. Tornava-se-lhe insuportável a separação da família e das amigas: «sinto desespero e uma vontade louca de chorar». ³⁰ «Só já faltam 7 dias...

²⁹ «Joanita era alegre, encantadora. Sabia ser humilde e considerava-se a última de todas. Era tão admirável na capela, parecia arrebatada pelo Senhor. Quando havia a Hora Santa era a primeira a inscrever-se e substitua com agrado aquelas que, já inscritas, não podiam ou não queriam cumprir o seu turno. Era considerada como santa e a melhor aluna. Tinham por ela um grande respeito e admiração. Nunca se exaltava, sempre sorridente, mesmo no meio das dificuldades e de mal entendidos. O domínio de si mesma – superior à sua idade – era algo extraordinário e constante. Quando soubemos que tinha vocação, todas as suas amigas diziam: “Tão bonita e com tantos meios para triunfar na vida e vai encerrar-se num convento! Que loucura!”»: do depoimento de Graciela Espinosa Martínez. «O comportamento de Joanita era exemplar, fiel cumpridora do regulamento. Não lhe descobria nenhum defeito. Moralmente era muito superior a nós... O dever cumprido por amor a Deus era toda a sua vida no colégio... A Rebeca, sua irmã, ruidosa, irrequieta, por vezes chegava a ser insuportável, Joanita acalmava-a com boas palavras; e fazia o mesmo com outras companheiras desordeiras, consolando-as e recomfortando-as quando eram castigadas. Nos recreios do colégio dominava nela a simpatia e doçura apesar do seu carácter forte que reprimia. Reconhecia que era orgulhosa, mas venceu o seu carácter com verdadeira humildade. Pela sua beleza física era um pouco vaidosa, mas vencia-se com a modéstia do seu proceder e com a busca da humildade»: uma das suas amigas, Helena Salas González.

³⁰ *Diario* 14.

só 7 dias para estar neste calhabouço. Gela-se-me o sangue só de pensar... Sentir-me-ia feliz se cá estivesse. Porquê não te entusiasmas querida? Acho que estaríamos sempre juntas. Mas são sonhos que nunca se realizam, e não me lembrava já de que quando alguém está internada, se sente muito desgraçada. Eu quero que sejas sempre feliz, ainda que eu sofra... Transformaria este internato em cinzas».³¹

Porém, quando chegou a hora de deixar para sempre o colégio-internato da Maestranza, e também os estudos, a dor foi enorme. «Não é possível descrever tudo o que estou a sofrer... Adeus, Irmãs, que me ensinastes o caminho da virtude. Adeus, morada do Coração de Jesus, onde vivi contigo três anos. Adeus, companheiras tão queridas».³²

3. *Terceira fotografia: com os colegas*

Teresa não é uma rapariga tímida. Gosta de gozar a vida e a amizade. E, na verdade, Deus é isso mesmo: vida e amizade.

– *A amizade*

Teresa tem grandes amizades. As primeiras serão as da sua própria família: Luís e Rebeca. Fora de casa teria também umas quantas amigas íntimas com quem partilhava as suas ideias. Mas de todas elas, Teresa / Joanita bem poderia dizer o que escreveu sobre Elisita Valdés Ossa: «Temos os mesmos ideais, os mesmos sentimentos e gostos, e até o mesmo carácter. Tudo é uno entre nós. Comunicamos os nossos pensamentos mais íntimos. Animamo-nos e esforçamo-nos por ser cada vez mais de Deus».³³

Esta comunicação interior aparece, sobretudo, nas cartas que escreveu desde o Carmelo. Logicamente, com os directores espirituais tem mais abertura, sobretudo no que diz respeito ao seu estado de espírito, sua oração, dúvidas e experiências místicas.

³¹ A Carmen de Castro Ortúzar, *Carta 5*. Helena Salas González testemunha sobre este tempo: «Estávamos juntas nas aulas, nos recreios e até no dormitório. Uma noite senti que soluçava porque vira o Senhor ensanguentado... De carácter um pouco impetuoso, embora suavizado pela sua luta interior. Frequentemente perguntava: “Hoje zanguiei-me?” Era de ânimo firme, constante, decidido... Vi que foi invejosa umas duas vezes só porque Lucia, a irmã mais velha, saía com Rebeca e davam-se muito bem; Joanita era mais “séria”, comedida e reservada».

³² *Diário 43*. E, como fruto e seguimento do clima que viveu no internato, escreverá umas «resoluções para toda a minha vida»: nunca deixar a oração nem a missa diária; fazer o exame de consciência e a leitura espiritual; viver unida a Jesus; ter carácter e agir pela razão e a consciência, e não pelo sentimento; cumprir a vontade de Deus com alegria; não se deixar levar por respeitos humanos, cf. *Ib.*

³³ *Diário 45*, nota 3.

A um nível mais profundo e de companheirismo entrariam muitas outras amigas e amigos de brincadeiras e passeios.

«Quanto a amizades masculinas – diz Luís –, eu nunca vi que tivesse predileção por qualquer jovem em especial... Eu trazia alguns jovens, companheiros ou amigos meus, a casa... Joanita cumprimentava-os com uma cortesia especial, mas nunca mostrou interesse por nenhum. Eu fui bastante amigo de Alberto Hurtado [já beatificado], meu colega no Colégio de S. Inácio... Alberto conheceu Joanita muito superficialmente».

Por outro lado, Joanita confessa abertamente: «Quantas tentações tive que vencer para não namorar. Não o posso negar. Gostaria de namorar para me divertir. Porém, vejo que não o posso fazer, pois seria uma ingratidão para com o meu amigo Jesus». ³⁴ Na verdade, o grande “sermão” da Madre Ríos foi como para curá-la, de uma vez, de todos os namoricos. ³⁵

Desta experiência da amizade humana aprendeu a amar a Deus com outra dimensão. Quer fazê-lo compreender à sua irmã Rebeca: «Repito que Deus demonstra muito mais o seu amor do que qualquer criatura, e a cada momento recebem-se as provas do seu amor infinito. É verdade que não O vemos com os sentidos, mas palpamo-lo a cada instante nas suas obras. Sentimo-lo incessantemente dentro do nosso coração, de tal maneira que não existe separação, mas fusão das nossas almas pequeníssimas com um Deus infinito». ³⁶

Podíamos ver aquela carta comovedora e firme ao seu pai em 25 de Março de 1919: «Aquela que procurou o amor das criaturas, não desejou senão o de Deus». ³⁷

– *As diversões*

As herdades de Chacabuco, Algarrobo, Cunano, Bucalemu e San Pablo poderiam falar muito deste tema: canções acompanhadas à guitarra, jogos, ténis, passeios, natação, equitação, viajens de automóvel que, «não corre, voa, coisa que me encanta». ³⁸

³⁴ *Diario* 45.

³⁵ Cf. *Diario* 13. ³⁶ *Carta* 44.

³⁷ *Ib.* «Eu, antes, julgava que era impossível enamorar-se de um Deus a quem não se via; a quem não podia acariciar. Mas hoje afirmo com o coração nas mãos que Deus compensa inteiramente este sacrifício. Sente-se de tal maneira este amor, estas carícias de Nosso Senhor, que parece que está ao nosso lado. Sinto-o tão intimamente unido a mim que não posso desejar mais, salvo a visão beatífica no céu... Vivo com Ele e, apesar de andar a passear, conversamos sem que ninguém nos surpreenda»: *Carta* 40.

³⁸ Cf. *Carta* 23 e 70. Assim o testemunha a sua mãe: «Era muito afeiçoada aos cavalos. Gostava

Sem ser sua intenção, era o centro do grupo. As anedotas com a sua companheira eram um número preferido. Quando se juntava com a sua prima Adela Fernández nas grandes herdades, inventavam ótimas partidas.³⁹

Quando estava a escrever a bem pensada e decisiva carta para pedir ao seu pai a entrada no Carmelo, e os rapazes insistiam para que fossem andar a cavalo, ela teve uma ideia: «De repente, a porta abriu-se e ficaram todos molhados. Joanita tinha pegado numa bacia cheia de água e atirou-lha rindo e fechando imediatamente a porta».⁴⁰

«Era muito alegre e cordial», diz Maria Josefina Salas. E a sua alegria brotava de dentro: «Deus é alegria infinita», gritará ela.⁴¹ E muitas vezes a sua oração da manhã será um cântico no harmónio. Assim o confirmou Luís: «Toda a sua vida foi uma mulher de oração intensa. Via Deus em todas as coisas. Pela manhã tocava o harmónio em surdina e cantava com voz profunda: “Gosto de O saudar cantando”, dizia».

Os seus “ataques de riso” eram bem conhecidos. «Riamo-nos gritando», dirá ela própria.⁴² «No outro dia pensámos em inventar uma Ave Maria. Estamos muito contentes com a nossa improvisação. Quando dávamos a nota mais alta, a Hermínia teve que tapar os ouvidos, pois com os nossos gritos pensava que se lhe rompiam os tímpanos. Ao ver os gestos daquela Gordita começámo-nos a rir, e em vez de notas saíam-nos gargalhadas e eu não conseguia tocar nenhuma nota no harmónio».⁴³

Contudo, não gostava nada das festas sociais «onde só se ouviam coisas que não interessavam a ninguém», como escreve. E continua:

muito de nadar, tendo-o aprendido sozinha». E Luís acrescenta: «Nadava muito bem... Cavalgava como uma autêntica amazona, andava sempre à nossa frente». A própria Joanita escrevia desde a herdade de San Pablo: «Sinto-me feliz. Canto todo o dia. Gozo na paz e tranquilidade mais do que vós imaginais»: *Carta* 50.

³⁹ «Riam saudavelmente e preparavam em segredo a partida seguinte. A Luís, pela noite, faziam-lhe a “cama à espanhola”. Entravam muito cedo no seu quarto e acordavam-no declamando poesias, recitando os versos alternadamente... Na sala de jantar, os mais jovens comiam numa mesa à parte. Antes de ir comer colocavam nas cadeiras de Guilherme, Eduardo e Luís, pequenas bombas de pólvora. Depois de se terem sentado, Adela escondia-se por detrás das cadeiras e com grande rapidez acendia fósforos que depois faziam rebentar as bombas com tal estrondo que os rapazes fugiam cheios de medo», *Santa Teresa de los Andes*, Auco, p. 67.

⁴⁰ Testemunho de Adela Fernández de Ortúzar.

⁴¹ *Carta* 101.

⁴² *Carta* 62.

⁴³ *Carta* 43.

«Olha, digo-te que, só de pensar que tenho de ir a tais reuniões já me apetece chorar, e é quando mais desejo esse cantinho onde existe a verdadeira solidão e a felicidade».⁴⁴

Luís, por seu lado, anota: «Como rapariga que era saía muito pouco. Muitas vezes havia festas e bailes de fim de semana na nossa casa. Joanita não gostava disso. Quando não os podia evitar, porque a mamã a obrigava, iludia-nos tocando piano e, por vezes, guitarra. Também cantava e admirava-nos a sua voz profunda de contralto. Joanita sabia bailar. A mamã tinha trazido para casa um professor de baile».

– *As missões*

As diversões e alegrias juvenis das diversas herdades tinham um número ainda mais preferido nas ocupações de Joanita: as clássicas missões.

Aí entrava catequese, caridade, diversões com crianças (sem excluir comédias, jogos, corridas de sacos e de burros), o cuidado das capelas onde fazia de sacristã, o relacionamento simples com os colonos, as obras de caridade, as primeiras comunhões, a consagração das casas ao Sagrado Coração... Tudo isto precisaria de um capítulo para o explicar.⁴⁵

4. *Quarta fotografia: Diante da vida*

Cada pessoa decide-se sozinha diante da vida e do próprio futuro. Com Joanita aconteceu a mesma coisa. E nisto não entra a matemática. Muitas amigas íntimas de Joanita, que viviam os seus mesmos ideais, tornaram-se religiosas, quer no Carmelo, quer no Sagrado Coração; mas também houve quem optasse por outros caminhos.

– *Uma opção precoce*

Joanita optou pelo Carmelo desde muito nova. Explicá-lo-á ao seu pai, ao pedir-lhe licença para entrar na Ordem. O seu chamamento foi muito precoce: aos 14 anos. «Eu já namoriscava e divertia-me quanto podia... Aquela que procurava o amor das criaturas só desejava era o de Deus. Iluminada com a graça do alto, compreendi que o mundo era demasiado pequeno para a minha alma imortal; que só com o infinito me poderia saciar».⁴⁶

⁴⁴ Carta 23.

⁴⁵ Cf. por exemplo Carta 67.

⁴⁶ Carta 73.

Na decisão para entrar no Carmelo muito influenciou a leitura de Santa Teresa de Jesus, Teresa de Lisieux, Isabel da Trindade...

Ela começará a caminhar muito cedo ainda, quase desde os 10 anos e sem se dar conta disso, pelos caminhos do Carmelo, numa relação íntima com Deus. E esta relação terá todas as ressonâncias orantes descritas por Teresa de Jesus e João da Cruz, onde se alternam sucessivamente o gozo e a aridez.

Só uma pequena amostra: «O meu espírito voa continuamente até junto do Tabernáculo. Porém, há já muito tempo que não sei o que é fervor. Sinto a voz do meu Jesus, mas não O vejo. Não sinto o seu amor. Estou fria, insensível; mas isto serve-me para ver o nada que eu sou, a minha miséria. De tal maneira que, quando estou com Jesus não lhe falo, porque a minha imaginação voa para outras partes... Estive muito unida a Nosso Senhor, porém não sinto qualquer fervor».⁴⁷

Contudo, este caminhar para o Carmelo não foi uma marcha triunfal. Com efeito, em 18 de Outubro de 1917 escreve: «Hoje tive que vencer-me muitíssimo. Tive ímpetos de raiva, pena de desobedecer e fazer a minha vontade. Fiquei aborrecida e pensei que não tinha vocação; que era tudo uma ilusão, uma simples ideia; que depois entraria em desespero... Além disso hoje uma Irmã deu-nos uns doces e, como a mim me deu um pequenino, atirei-o ao chão cheia de raiva e não aceitei o outro que me deu a seguir. Querido Jesus, que pensarás deste soldado tão covarde, tão imperfeito? Perdoa-me. Para outra vez serei melhor. Atiro-me para esse imenso oceano de amor do teu Coração para me perder n'Ele como a gota de água no oceano [e] confundir assim a minha pequenez na grandeza da tua misericórdia».⁴⁸

Para terminar, transcrevo umas linhas da carta de 18 de Junho de 1918: «Parece que Nosso Senhor me quis provar durante todo este ano, pois sofri bastante, sem ter a quem recorrer. Tive muitas dúvidas acerca da minha vocação de carmelita. E dúvidas também sobre a fé... O meu estado habitual é duma aridez espantosa».⁴⁹

– *No Carmelo*

Aqui já se chama Teresa de Jesus. Entrou no dia 7 de Maio de 1919. Numa «casa velha e feia», diz ela. Não só Teresa, mas todas as

⁴⁷ Carta 34.

⁴⁸ Diário 35.

⁴⁹ Carta 29.

monjas tinham que praticar autênticas virtudes heróicas nesse mosteiro. É mais ainda a nova postulante, que nunca imaginou que «iria contente fazer a limpeza da retrete, que consistia numa insalubre casota de madeira que se encontrava no pátio do noviciado sobre um pequeno canal a céu aberto».⁵⁰

Durante o postulantado escreve muitas cartas descrevendo a sua felicidade, as suas aventuras de principiante, os seus risos, trabalhos, oração, securas, propósitos, o seu “encontro” com S. João da Cruz. Toda uma experiência para a qual já estava preparada, sobretudo pelos seus frequentes encontros que tivera com o carmelita P. Avertano, confessor da comunidade dos Andes.⁵¹ «Sentia muito afecto pela Ordem Carmelita, parecia que tinha nascido para viver nela».⁵²

Das suas dificuldades nada diz, apesar de ter havido uma bem grande: a sua relação com a ajudante da mestra de noviças. «Por causa do pouco alcance das suas ideias fez sofrer muito Joanita, pois não compreendia que pudesse continuar com tantas conversas de espiritualidade com a Madre Superiora, e repreendia-a constantemente».⁵³

Nalguma das suas cartas ouvir-se-á um eco dessa dificuldade: «Procuo não me desculpar, embora me repreendam sem razão; e se alguma irmã me humilha procuro servi-la melhor e ser mais atenta para com ela».⁵⁴

Por outro lado, a sua vida espiritual respira uma verdadeira atmosfera mística: «A minha oração é cada vez mais simples. Logo que me ponho em oração, sinto que toda a minha alma se submerge em Deus, e encontro uma paz, uma serenidade tão grande, que não posso descrever. A minha alma percebe esse silêncio divino, e quanto mais profunda é essa quietude e recolhimento [mais] se me revela Deus. É uma notícia muito nítida mas rápida... Sinto que a minha alma está abrasada em amor de Deus; é como se Ele me comunicasse o seu fogo abrasador».⁵⁵

⁵⁰ Testemunho de Isabel da Trindade.

⁵¹ Cf. o depoimento de M.L. Guzmás Ramírez.

⁵² Do testemunho de Isabel da Trindade.

⁵³ Carmen Teresa do Menino Jesus, *Processos*.

⁵⁴ Carta 116.

⁵⁵ *Ib.*

Não é de estranhar que a comunidade carmelita dos Andes tivesse «em grande estima a santidade de Joanita», pela sua «obediência e docilidade», pela sua humildade e alegria, pela sua exactidão em tudo, e pela ajuda que a todas prestava. De tudo isso dá testemunho o que constatou Carmen Teresa quando, em 1922, entrou no Carmelo teresiano dos Andes, .

Conclusão

E termino com um testemunho dos anos 1928-29:

«[O] P. Buil, jesuíta catalão, mestre de noviços e teólogo eminente..., pessoa de poucas palavras e de juízos expressos em frases breves... disse-me: “Joanita Fernández, muito jovem, viveu pouco, 20 anos. Só teve a cultura que obteve nas Monjas Inglesas. Escreve coisas superiores à formação religiosa que recebeu no Colégio. Os seus escritos vêm do alto; é uma teóloga com muita doutrina. Os escritos de Joanita são superiores aos de Santa Teresinha de Lisieux”». ⁵⁶

⁵⁶ Depoimento de Francisco Javier Domínguez Solar.

FAMÍLIA, LUGAR DE EXPERIÊNCIA DE DEUS

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA

Em Maio deste ano (1994), perante as manifestações estudantis acerca das provas globais, falou-se muito da geração rasca. Alguns não gostaram desta designação, acharam-na infeliz, porque não correspondia à verdade. Preferiram falar duma geração à rasca mas não rasca. Outros, depois de diagnósticos feitos, falam de uma geração rasca que ao mesmo tempo vive à rasca. Este fenómeno social foi objecto de vários debates entre psicólogos, sociólogos, psiquiatras e filósofos. Conclusão: estamos perante uma geração á procura de valores, em conflito permanente com a geração anterior, também ela carecida de valores ou com poucos valores consistentes.¹ Os pais dos adolescentes de hoje, foram os adolescentes dos anos 60, que são anos de profundas mudanças a todos os níveis, anos de rotura. O ano de 1968 foi considerado como o ano zero de um tempo novo. Esta geração não apreendeu nem promoveu os verdadeiros valores e, por conseguinte, hoje os pais oscilam entre dois modelos, um rígido, outro permissivo. Ou são autoritários “como dantes” ou desregradamente permissivos. Muitas vezes, desaparecem da circulação abdicando em favor dos avós e da escola.² Perante estes fenómenos sociais advertimos que há uma profunda crise familiar e sobretudo, crise de pais. É disto

¹ O jornal *O Público* de 22/05/94 fez uma bela e completa reportagem sobre a situação da juventude e dos seus problemas a partir da manifestação do 5 de Maio.

² Devido a esta carência de valores os pais acham dispensável dar valores. «Pensam que essa função cabe à escola, a escola diz que cabe aos pais, e há aqui um grande vazio, sentido pelas crianças e que as leva a desacreditar no sistema. Quando elas sentem a necessidade de pedir esses valores, já é muito tarde, já são adolescentes ou jovens adultos, já se socializaram sozinhas ou com os seus pares,

significativo o livro que acaba de aparecer de Daniel Sampaio: «Inventem-se novos pais».³

Família em debate

O lugar da família nas sociedades actuais tem sido, nestas últimas décadas, objecto de debates, controvérsias e muita inquietação. O envelhecimento da população provocado pela queda da natalidade, a subida dos índices de divórcio, a vulgarização das uniões de facto, a participação das mulheres casadas e mães no mercado de trabalho apareciam como sinais evidentes de uma grave crise que ameaçava o futuro da família.

A partir do ano de 1968 ouviu-se muita coisa e liam-se muitos cartazes: «É o fim do matrimónio e da família»; «São conceitos caducos e passados de moda»; «Não é o modo de vida de uma pessoa progressista»; “Só os conservadores recalitrantes permanecem neles». «A família só a sagrada e esta na parede dependurada”. Assistia-se a todo o género de experiências, desde as comunas e o amor livre, até a uniões sucessivas e ao divórcio perante a menor dificuldade.

Tempos desconcertantes

Se, por um lado, vemos a família andar à deriva, desconcertada e sem referências, bombardeada pelos meios de comunicação social e incapaz de responder, por outro assistimos a um retorno muito grande e forte à família, principalmente, pelas gerações mais jovens. Os estudos sociológicos falam de uma importância superior aos nove sobre dez.⁴ O estudo sociológico dos valores portugueses, inscrito na investigação dos valores europeus, é muito significativo.⁵ A partir dos anos 80, a situação parece mudar. Tornou-se moda apregoar os valores e as práticas tradicionais da família.

estabeleceram elas próprias as regras por que se regem», ELIZABETH SOUSA (professora do Instituto Superior de Psicologia Aplicada) numa entrevista dada ao *DN*, 10/05/94, 18.

³ DANIEL SAMPAIO, *Inventem-se novos pais*, Caminho, Lisboa 1994.

⁴ Cf. MANUEL ICETA, *La familia como vocación*, PPC, Madrid 1994, 9.

⁵ Cf. «Portugal, Valores Europeus, Identidade culturais», IED, Lisboa 1993.

Os resultados da investigação publicados no ano passado são os seguintes: na hierarquia dos valores seleccionados, como trabalho, família, amigos e conhecidos, tempos livres, política e religião, a família ocupa o primeiro lugar na vida dos portugueses a uma grande distância de todos os outros. Há um consenso quase absoluto, por parte dos portugueses, acerca da importância decisiva da família na realização das aspirações da pessoa humana.

Tempo de procura

É a lei do pêndulo que rege a existência humana, não há dúvida nenhuma, com grandes e muito fortes custos geracionais. Mas não é o fim. É o fim, sim, duma idade, a morte dum formas periclitantes e o surgir de algo novo. O Espírito de Deus, que guia e conduz a história dos homens, fá-lo para formas de existência cada vez mais altas, capazes de satisfazerem as aspirações e os desejos do coração humano que tende sempre para a sua plenitude.

E, porque são formas cada vez mais altas, são também mais exigentes, empenhativas e comprometedoras.

Estamos num momento de procura. Passámos dum extremo ao outro e é preciso fazer “novas análises e novas sínteses”. É tempo de renovação, e temos que nos abeirar da família com uma linguagem nova. É preciso reformulá-la, mas desde dentro. E esse trabalho tem que ser feito, principalmente, pelos lares “vivos”. Só eles poderão comunicar esperança. Desses lares, terão de sair coisas velhas e novas. Velhas, porque sempre as há úteis, e novas, porque vivemos circunstâncias e realidades diferentes, “uma idade nova da nossa história”. Mas não podemos cair em tópicos que, embora pareçam interessantes, no fundo nada significam, como por exemplo, dizer que a “família é a mais pequena democracia no seio da sociedade”. A família nem é uma democracia, nem uma ditadura; não é uma aristocracia e menos ainda uma monarquia ou uma república. A família está constituída por umas relações de amor. Na origem está o amor conjugal que chama à vida para participar desse amor. Os pais têm todo o poder para dar a vida aos seus filhos, nenhum para a tirar ou reter. E um dia, o filho sairá, livremente da casa dos seus pais para constituir o seu próprio lar com a sua dinâmica de amor.

«Deus» – Palavra vazia

O tema que me pediram que tratasse e sobre o qual me pediram que reflectisse é o seguinte: a família, espaço propício e absolutamente necessário para o primeiro encontro e experiência de Deus. Esta experiência vai condicionar toda a vida espiritual futura da pessoa e o seu relacionamento com Deus e vai ser o pressuposto necessário para toda a catequese e todo o discurso que possamos fazer ou escutar sobre Deus.

O tema é de suma actualidade uma vez que a «palavra Deus converteu-se para muitos num termo vazio, que já não afecta a realidade em que as pessoas vivem, nem tem lugar no seu contexto experiencial. Todos sentimos, actualmente, esta experiência da ausência de Deus. Parece que o nosso falar de Deus e, mais ainda, os nossos intentos de falar com Ele perdem-se no vazio... Por esta perda da experiência de Deus, a palavra Deus corre o risco de converter-se numa pálida abstracção ou numa super-estrutura ideológica, estando exposta a todo o abuso ideológico. Isto faz com que a questão acerca da relação de fé e experiência seja actualmente um problema extraordinariamente urgente, no qual se decide a verdadeira actualização da Igreja e da sua fé».⁶

Ao falar de Deus podemos usar duas fontes de conhecimento: a fé e a experiência. É uma divisão um pouco simplista, que talvez não corresponda de todo á verdade, mas que vamos exemplificar para melhor nos fazermos entender.

Job no fim do seu livro retrata-se de tudo aquilo que tinha dito acerca de Deus: «Falei indiscretamente de maravilhas que superam o meu saber». Porque é que fala indiscretamente? Porque «os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora viram-te os meus próprios olhos».⁷

Job, num primeiro tempo, fala de Deus a partir daquilo que os seus ouvidos tinham ouvido falar, depois fala a partir daquilo que os seus olhos viram. Ou seja: o Deus da experiência é muito diferente daquele que os seus ouvidos ouviram falar.

Santa Teresa de Jesus ao comentar as palavras do Pai-Nosso “que estais nos Céus” escreve: «importa muito não só crer isto, mas procurar entendê-lo por experiência». E ao falar da inabitacção da Santíssima Trindade e das palavras de Jesus diz, em tom de admiração: «Quão diferente

⁶ W. KASPER, *Fé e historia*, Sígueme, Salamanca 1974, 51.

⁷ *Job*, 42, 3-6.

coisa é ouvir estas palavras e crer nelas, ou entender por este modo (experiência) quão verdadeiras são!».⁸ Esta experiência para Santa Teresa é um conhecimento impresso nas entranhas.

E S. João da Cruz escreve: «Isto creio que não entenderá bem quem não o houver experimentado».⁹

Se o discurso que possamos fazer ou escutar acerca de Deus não nos leva a tomar consciência de algo que já se vive no mais profundo e autêntico do nosso ser não tem sentido nenhum. E a respeito desta dimensão profunda do homem e da vivência da realidade de Deus aí, e da sua tomada de consciência, a família desempenha um papel fundamental, pelo menos inicialmente.¹⁰

A experiência do ser precede todo o discurso acerca dele

Quando falamos do ser não entendemos um mero conceito por sublime que este se possa considerar. A nossa mente cria e realiza constantemente conceitos, mas que não são outra coisa que o reflexo espiritual do mundo vivencial, no qual a nossa mente está inserida. Para a mente não existe realidade alguma que não esteja de algum modo com ela ligada.

O que acontece é que existem diversos níveis de consciência da realidade na nossa mente. Debaixo da consciência actual (ôntica) de uma série limitada de objectos ou de realidades presentes no espírito, dá-se outra dimensão que poderíamos chamar de sub-consciente, subterrânea (ontológica) que é a que sustém e alimenta a dinâmica indefinida do espírito. Há na mente uma abertura radical ou inata para com a realidade e a realidade total. Na mente a realidade adquire o seu “momento” consciente ou racional.

A realidade vem a ser, no seu conjunto ou na sua totalidade um poderoso íman que atrai imperiosamente o entendimento para si. Embora o próprio núcleo da realidade permaneça oculto à mente esta não deixa de sentir uma grande atração por ele.

⁸ CP 28,1; 7M 1, 8.

⁹ CE 7,10.

¹⁰ Cf. MANUEL CABADA, *La vivencia previa del Absoluto como presupuesto del acceso teórico a Dios*, em *Teología y mundo contemporaneo*, EC, Madrid 1975, p. 65.

Escreve Coreth: «Unicamente podemos perguntar pelo ser, porque já o conhecemos inicialmente. Existe um conhecimento originário como condição do perguntar...».¹¹

O encontro com o Absoluto possibilita a sua procura

E tudo o que dissemos acerca do ser dizemos quando nos interrogamos sobre o seu fundamento. E o último fundamento e sentido do ser, para o qual o nosso entendimento está inevitavelmente projectado, é o Absoluto, é Deus. «O Absoluto pertence sempre ao mundo experiencial do homem, uma vez que temos de admitir que a dimensão experiencial do homem não se identifica, necessariamente com a sua dimensão consciente. O homem experimenta muito mais do que aquilo que sabe ou é consciente».¹²

Como escreve E. Schillebeeckx: «A questão pelo sentido precede, logicamente, a questão pela verdade. E uma afirmação só tem sentido quando de algum modo tematiza experiência».¹³ A «experiência», no amplo sentido da palavra é, por conseguinte, imprescindível para toda a afirmação que pretenda ser inteligível, até mesmo no plano teológico. «Como a vida precede o filosofar, escreve Lotz, assim também a experiência de Deus precede a demonstração de Deus».¹⁴

Experiência de Deus que é, como diz o P. Rahner, «a profundidade e radicalidade última de toda a experiência intelectual e pessoal», e que «precede a explicação teórica sobre Deus, a sustém e a torna inteligível».¹⁵ Sem a experiência oculta e profunda do Absoluto o homem não pode formular a ideia do Absoluto. Por conseguinte, esta experiência é indispensável para todo o processo reflexivo teológico.¹⁶

Já S. Bernardo observava: «Isto é o surpreendente: ninguém Te pode procurar sem que antes Te tenha encontrado».¹⁷ «Não me

¹¹ Cit. por MANUEL CABADA, *ib.* 68.

¹² MANUEL CABADA, *ib.* p. 70.

¹³ Cit. por MANUEL CABADA, *ib.* p. 70.

¹⁴ Cit. por MANUEL CABADA, *La vigencia del amor*, San Pablo, Madrid 1994, p. 262.

¹⁵ *Ib.* p. 262.

¹⁶ Cf. *ib.* p. 263.

¹⁷ S. BERNARDO, *Liber de diligendo Deo*, c. VII, em *Opera, III : Tractatus et opuscula, Cistercienses*, Roma, 1963, 137.

procurarias se antes não me tivesses encontrado».¹⁸ E M. Scheler mantém também o paradoxo ao dizer: «Unicamente aquele que tenha encontrado a Deus pode sentir a necessidade duma prova da sua existência».¹⁹ E como muito bem intui H. Duméry é «o Absoluto que fundamenta a sua prova em nós».²⁰

Portanto, procura de Deus, demonstração de Deus, prova da sua existência não serão, no fundo, senão um tomar consciência, explícita, da mesma fundamentação que sustém a nossa dinâmica interior, ou seja: «reconhecimento, dar-se conta, descobrimento do que já existe»;²¹ «explicitação reflexiva de um conteúdo de experiência»;²² «tornar reflexo o conhecimento espontâneo que já nos vem dado na experiência integral e existencial do homem».²³

Daqui concluímos que toda a inquietação e procura humanas do Absoluto pressupõem como condição de possibilidade, a experiência da presença do Absoluto no homem, embora esta experiência seja difícil de concretizar. Olegario Gonzalez de Cardedal escreve: «Aquilo que é radicalmente ignorado não pode ser objecto de procura. O procurar segue e nasce dum prévio ter encontrado ou ter sido encontrado... As potências e acções do homem não poderiam ir atrás de Deus se o ser humano não fosse já um lugar da presença de Deus e o âmbito da sua revelação».²⁴

¹⁸ Estas são palavras que Pascal põe na boca de Jesus. Cf. *Pensées et opuscles philosophiques*, Hchette, Paris, 1961, 61.

¹⁹ Cf. MANUEL CABADA, *ib.* 263. Muito justamente escreve Genuyt: «Seria um erro pensar que a função da demonstração é pôr a inteligência em relação com Deus. Não, o contacto está dado antes de toda a demonstração... Antes da consciência explícita, o entendimento já encontrou o que procura». F. M. GENUYT, *El misterio de Dios*, Herder, Barcelona 1968, p. 83 s.

²⁰ H. DUMÉRY, *Le probleme de Dieu en philosophie de la religion*, Paris 1957, 68, 33. Cf. JUAN MARTIN VELASCO, *Hacia una filosofía de la religión cristiana. La obra de H. Duméry*, Madrid 1970, pp. 73, 89.

²¹ H. DE LUBAC, *Sur les chemins de Dieu*, Paris 1966, p. 74. Não se trata aqui dum descobrimento “primário”, como diria Zubiri. Cf. X. ZUBIRI, *Naturaleza, Historia, Dios*, Madrid 1963, p. 385.

²² E. SCHILLEBEECKX, *Función de la fé en la comprensión humana*, em *Las cuestiones urgentes de la teología actual*, Madrid 1970, p. 74.

²³ J. MARTINEZ BONAVIDA, *El falso humanismo del ateísmo actual*, em *Verdad y Vida*, 109, 1970, p. 84.

²⁴ O. GONZALEZ DE CARDEDAL, *Meditación teológica desde España*, Sígueme, Salamanca 1970, pp. 91s. Cf. H. ZHRNT, *Dios no puede morir*, Bilbao 1971, pp. 120 ss. As agudas reflexões de M. de Unamuno sobre as suas preocupações religiosas e, principalmente, sobre a pergunta radical do homem sobre o Absoluto vão nesta linha. «Pedimos sinais, como se o pedir já não fosse o sinal mais evidente». «E o pedir um sinal, já não é sinal daquilo mesmo que se pede?». «O pedir sinal, não é sinal? Quem te move a pedir sinal?... O querer crer, não é princípio de crer? Aquele que deseja a fé e a pede, não a terá já, embora não o saiba?». M. DE UNAMUNO, *Diario íntimo*, Madrid, 1970, pp. 107, 201, 203s.

Com tudo o que dissemos até aqui não pretendemos outra coisa senão colocar as bases filosóficas para compreendermos melhor a união existente entre o conhecimento de Deus e as experiências ou vivências humanas fundamentais iniciadas na família, entre as quais temos de contar o amor, dada a importância que esta experiência ou vivência tem na gênese e constituição da pessoa humana.

O homem, lugar do encontro com Deus

O homem de hoje é diferente do homem de épocas anteriores. Sente-se cada vez mais como o centro ou ponto de convergência da realidade. Esta «mudança antropológica» condiciona também o acesso teórico a Deus, que o homem realiza de uma forma ou de outra e que, como dissemos, está previamente dirigido por uma oculta presença daquilo mesmo que se procura. Do acesso puramente «cosmológico» passou-se ao «antropológico».

O homem moderno é menos propenso à admiração das coisas exteriores, em grande parte fabricadas e transformadas pelas suas mãos. Ele já não vê na natureza o seio protector de que surgiu e em que vive, mas a matéria a transformar conforme os seus próprios desejos e o avanço da técnica. Contudo o homem continua sendo para si mesmo um grande mistério. Ou seja, o homem, à hora de se querer compreender plenamente, vê que ele, no mais íntimo de si mesmo, acenta as suas raízes em algo profundo e misterioso. Ele que, com relativa facilidade, prossegue o seu ritmo de domínio sobre as coisas exteriores a ele, encontra-se sujeito dumas estruturas ou condicionamentos íntimos e profundos dos quais não é capaz de se libertar; mais ainda, são essas estruturas ou esses condicionamentos que fazem com que ele seja aquilo que é.

Não se trata aqui de condicionamentos históricos, psicológicos ou sociais, por muito reais que eles sejam, mas de algo mais profundo ainda. Quando o homem se encontra a sós consigo mesmo, intui, duma forma ou de outra, a seriedade e a profundidade da sua própria existência.²⁵

²⁵ Paul Tillich diz que o homem que quebra a crosta da superficialidade e penetra na profundidade da vida está a perguntar, seja consciente ou não, por Deus: «O nome dessa profundidade infinita e desse fundamento inesgotável de todo o ser é Deus. E se a palavra não tem muito significado para vós traduzi-a e falai da grande profundidade na vossa vida, da origem do vosso ser, daquilo que vos diz respeito dum modo absoluto, daquilo que tomais a sério sem nenhuma reserva. Se isto fazeis,

Na «profundidade» de si mesmo não sabe o homem onde termina ele e onde começa Deus. Na «profundidade» é onde Deus se deixa encontrar pelo homem. Profundidade que se impõe ao homem e à qual este não pode renunciar de forma alguma.

Temos que constatar aqui que a actividade interna ou as reacções mais profundas e típicas do homem surgem sempre sob o impulso ou o calor duma ampla «passividade», ou seja, de algo que o homem «recebe». Esta «recepção», que possibilita toda a actividade e desenvolvimento humanos e, mais concretamente ainda, a abertura ao Absoluto, dá-se no homem desde os princípios da sua existência.

O ser, a realidade total, apresenta-se ao homem nos alvares da sua existência como amor, ou seja, como realidade que se doa, absoluta e generosamente, ao homem que começa a nascer dela. O amor é, desta maneira, a experiência primeira e fundamental do homem. Ainda mesmo antes de nascer já experimenta o ser humano, no seu primeiro desenvolvimento intra-uterino, o calor e o abrigo do amor. «Não é a angústia nem o ódio, mas o amor e o sentir-se acolhido nele que constitui a vivência primeira que caracteriza o sentimento existencial do homem».²⁶

O amor, o afecto, é a primeira coisa que a criança percebe; o mundo das coisas é conhecido posteriormente. A necessidade e a importância ontológica do amor para o homem somente se pode apreciar na sua justa medida, quando se analisam com detenção os casos em que dito amor não se dá ou se dá em medida insuficiente.

«As relações normais entre mãe e filho contribuem para a conservação da vida e para prevenir as doenças mais além das corporais, enquanto que a privação total de amor conduz a uma ruína progressiva. Essa ruína das crianças tem uma relação directa com a duração da privação de amor a que está exposto o lactante».²⁷ Conforme o correspondente estágio de desenvolvimento, Spitz observou as seguintes perturbações: «perda de peso, paralização do desenvolvimento, rejeição de contacto, transtorno do sono, expressão rígida do rosto, atraso motor,

terei de esquecer, talvez, alguma coisa que terei aprendido acerca de Deus, talvez, até, a própria palavra. Se vos destes conta de que Deus significa profundidade, já sabereis muito acerca dele», PAUL TILLICH, *La dimensión perdida*, Bilbao 1970, p. 113.

²⁶ J. MESSNER, cit. por MANUEL CABADA, *La vigencia...*, p. 342. Aqui discordamos da psicanálise que afirma que o fundamento da sociabilidade humana é o ódio, a angústia e a falta de amor.

²⁷ A. SPITZ, cit. por H. KUNG, *Existe Dios?* EC, Madrid 1979, p. 618.

incapacidade de tomar alimento, auto-agressão (arrancar-se o cabelo) e até mesmo enfraquecimento total e morte».²⁸

Nas crianças assim desatendidas, diz Spitz, são possíveis três formas de evolução: «Tais crianças voltam contra si mesmas a agressão residual da privação do amor e morrem; em casos mais benignos a agressão que ainda se mantém leva-as, salvando a participação do corpo, à imbecilidade; e se conseguem salvar estes dois destinos, chegam a ser pessoas carregadas de ódio, abandonadas, e ao fim do caminho está o crime».²⁹

O ser nasce do amor

O pensamento moderno, mesmo o mais próximo ao materialismo «antropológico», tem uma visão nobre do amor, como a realidade das realidades. Bastam estes parágrafos de Feuerbach para nos convenceremos disto: «Só existes se amas; o ser somente é ser se é o ser do amor» (I,26). «O amor é a verdadeira prova ontológica da existência de um objecto fora da nossa mente; não há outra demonstração do ser senão o amor» (II, 298).

Para este filósofo o amor é, até mesmo, mais primordial e fundamental que o pensamento: «Contra a velha filosofia, que dizia que aquilo que não é pensado não existe, diz a nova filosofia: aquilo que não é amado, aquilo que não pode ser amado, não existe. O amor é, objectiva e subjectivamente, o critério do ser, da verdade e da realidade. Onde não há amor não há verdade. Só é alguém quem ama alguma coisa; não ser nada é igual a não amar nada. Quanto mais uma pessoa é, tanto mais ama e vice-versa» (II, 299).

Para o pensamento aristotélico-tomista o amor vem a ser a energia ontológica que «actualiza» todas as «potencialidades» do homem, a todos os níveis, desde o seu início.³⁰

²⁸ *Ib.* p. 618.

²⁹ *Ib.* p. 618s.

³⁰ H. V. Balthasar chega mesmo a dizer: «ser e amor são coextensivos», *Misterium salutis II: La historia de la salvación antes de Cristo*, EC, Madrid 1977, p. 30. Podemos dizer que esta íntima relação entre ser e amor é a chave do pensamento de Von Balthasar. Outra coisa não quer dizer G. Morel quando apresenta o amor como o ponto culminante da realidade: «O amor é a categoria suprema da realidade. E a verdadeira substância, o único Sujeito. Se o Absoluto não é o movimento de amor não existe; e se não existe, nada tem sentido», *Le sens de l'existence selon saint Jean de la Croix II*, Aubier, Paris 1960-61, p. 225.

Tendo presente esta dimensão ontológica do amor, o mais normal e lógico é que a reflexão acerca do amor acentue de uma maneira ou de outra a sua importância e necessidade. O amor é luz e calor sem o qual o homem não tem rumo nem é capaz de sobreviver.³¹ O amor é imprescindível para a estruturação da humanidade. Para Montagu o amor não é somente um ideal moral, «mas princípio biológico e perfeitamente válido».³² E conclui: «Aquilo que o organismo humano mais necessita para o seu desenvolvimento é nutrir-se de afecto».³³

Rob Carballo, depois das suas pesquisas e análises chega igualmente à conclusão de que o amor constitui o primeiro requisito do desenvolvimento humano. «Tudo o que possamos ser, o que realizamos, cremos, tudo depende do amor. Não só do que recebemos directamente, mas do amor que os nossos pais e avós receberam. O homem é constituído no amor. Por aquilo que nos diz respeito, o amor que damos, que nos foi concedido dar aos outros, vai persistir não só nos nossos filhos ou noutras pessoas, mas ao longo dos tempos, geração após geração, como uma semente que frutifica, talvez de uma maneira mais permanente que a nossa obra, que os nossos livros, que aquilo que fomos realizando. Afana-se o homem por fundar: instituições, sistemas filosóficos, famílias. Desconhece que aquilo que vai dar maior perenidade à sua obra fundacional é o amor que foi capaz de dar ao seu próximo. E que se ele o soube dar, não é mérito exclusivamente seu, senão que lhe foi dado ao longo de gerações».³⁴

Vemos que o homem está caracterizado pela mais variada dependência do meio em que vive. E esta dependência torna-se mais forte em determinadas etapas da sua vida. O homem não nasce «feito», mas «faz-se». Por isso pode ser caracterizado como «ser de carências». «O homem nasceu como um sete-mesinho, como ser abortivo, imperfeito, utilizando essa margem de viabilidade que permite, com um pouco de sorte e de cuidados, que não pereça o que nasceu anormal».³⁵

³¹ Cf. A. MONTAGU, *Que és el hombre*, Paidós, Buenos Aires 1969, p. 122.

³² A. MONTAGU, *La dirección del desarrollo humano*, Tecnos, Madrid 1957, p. 217.

³³ *Ib.* 256. Montagu numa obra publicada em colaboração com Matson escreve: «Num sentido muito profundo, o amor é a mais básica de todas as necessidades, porque é o alimento de que, tanto a saúde física como a mental extraem as suas forças» A. MONTAGU-F. MATSON, *El contacto humano*, Paidós, Barcelona 1983, p. 122.

³⁴ J. ROF CARBALLO, *Rebelión y futuro*, Taurus, Madrid 1970, pp. 317s.

³⁵ *Ib.* p. 217.

O segundo nascimento

O homem nasce dum parto prematuro, por isso mesmo é que alguns autores falam dum segundo nascimento ou do nascimento sociológico ou cultural que não tem nada de acessório ou secundário, mas que vai ser verdadeiramente constituinte da sua realidade. Aqui aparece com toda a densidade a fundamental função da mãe. «A mulher dá duas vezes vida: uma no momento de dar à luz o corpo do seu filho. A segunda, mais cheia de sinal trágico, é naquele processo durante o qual a mãe faz nascer o espírito do homem, involuntariamente, de maneira inconsciente, dando-lhe amor e ternura, ao mesmo tempo que iniciando a separação e o abandono. Neste segundo nascimento, a mulher, a mãe, é a clave trágica da existência, do destino. Se está arrebatada por outras coisas, sumida na depressão ou emite ‘mensagens discordantes’, se é veículo inconsciente de uma sociedade disgregada ou envenenada pela técnica ou pela pressa, neste segundo nascimento a mãe serve de raiz disgregante, dissociativa, do espírito humano. Numa palavra: despedaça o homem; destrói uma unidade, uma interna coesão, sem a qual a inteligência não pode ordenar a realidade, tornar-se responsável dela».³⁶

Uma vez que o homem nasce prematuramente o primeiro ano é decisivo; será ao longo deste tempo extra-uterino que o ser humano acede, propriamente, ao seu verdadeiro nascimento completo.³⁷ É dado adquirido que o ser nascente se vai fazendo ao calor de uma presença amorosa e pessoal; a esta conclusão se chegou por meios científicos. Escreve Montagu: «Viver, como se viver e amar fossem a mesma coisa, não é uma recomendação nova; o novo está em que o significado do amor se tenha descoberto no século XX por meios científicos».³⁸

³⁶ *Ib.* p. 335. Certamente que Rof Carballo não pretende com isto responsabilizar directamente, nem dum modo exclusivo, a mãe da sua acção nociva «pois muitas vezes provém da estrutura social, do clima familiar, do pai ou de outras pessoas» (335).

³⁷ Alguns autores afirmam que a gestação humana está composta de “útero-gestação” e “extero-gestação” e que esta última estará concluída a partir do momento em que a criança comece a gatinhar. Cf. A. MONTAGU, *El sentido del tacto. Comunicación humana através de la piel*, Aguilar, Madrid 1981, p. 38. Rof lamentará «a lentidão com que se difundem ideias biológicas fundamentais» como esta do parto “prematuro” do homem. Cf. ROF CARBALLO, *Medicina y actividad creadora, Revista de Occidente* (Madrid 1964), p. 279 e do mesmo autor: *Biología y psicanálisis*, DDB, Bilbao 1972, p. 297. Escreve J. LORITE MENA, *El animal paradójico. Fundamentos de antropología filosófica*, Alianza, Madrid 1982, p. 294: «Nascemos no “momento oportuno” para a mãe, nascemos “antes do tempo” para nós mesmo».

³⁸ A. MONTAGU, *La dirección del desarrollo humano*, Tecnos, Madrid 1975, p. 260.

E, sobre a importância dos cuidados maternos para o crescimento harmônico da pessoa humana outros autores manifestam-se no mesmo sentido. Bowlby dirá que se trata «dum descobrimento cuja transcendência é comparável ao valor das vitaminas na saúde física».³⁹

Tendo presente a importância que tem no processo humano do nascimento o encontro imediato e sossegado da mãe-filho, temos que reagir contra o sistema frio e impessoal de muitas clínicas de maternidade. «Depois de cortar e atar o cordão umbilical, mostra-se o menino à mãe e traslada-se a uma sala especial, chamada ninho, na qual o recém-nascido recebe tudo, menos ternura. Pesa-se, mede-se, anotam-se as suas características físicas e outros pormenores, coloca-se um número no pulso e deixa-se a criança num berço a chorar até mais não poder. Ficam assim separadas duas pessoas que, nesse preciso momento, necessitam mais do que nunca uma da outra».⁴⁰

Não estamos suficientemente sensibilizados para a importância que tem para a criança recém-nascida e para os pais este contacto corporal e anímico. O mesmo acontece acerca do papel da mãe na tomada de consciência da criança e na sua aprendizagem. E menos ainda da importância primordial dos sentimentos da mãe para com o seu filho, isso que chamamos a sua atitude afectiva. «A ternura da mãe permite oferecer à criança uma extrema gama de experiências vitais, e a sua atitude afectiva determina a qualidade da própria experiência».⁴¹

Pode ser que, nos tempos que correm, em que um determinado feminismo proclama a libertação da mulher, as palavras do famoso etólogo K. Lorenz, não sejam bem recebidas, mas elas têm o seu fundamento: «Ser mãe de uma criança é um trabalho a tempo inteiro e o facto é que à maior parte das mães modernas lhes é impossível dedicar tempo suficiente ao seu bebé o que prejudica decisivamente a educação deste».⁴²

³⁹ J. BOWLBY, *Los cuidados maternos y la salud mental*, Humanitas, Buenos Aires 1982, p. 73. Insistirá mais adiante dizendo: «Nem os governos, nem as instituições sociais, nem o público estão tão convencidos, como deveriam, de que o amor maternal na infância e na meninice é de tanta importância para a saúde mental como o são as vitaminas e as proteínas para a saúde física» (p. 193). Cf. B. HASENSTEIN, *Biología del comportamiento infantil*, Siglo XXI, México 1979, p. 365; Cf. J. ROF CARBALLO, *Urdímber afectiva y enfermedad. Introducción a una medicina dialógica*, Labor, Barcelona 1961, p. 236.

⁴⁰ A. MONTAGU, *El sentido...* p. 52.

⁴¹ R. A. SPITZ, *El primer año de la vida del niño*, Aguilar, Madrid 1970, pp. 25s.

⁴² K. LORENZ, *Las bases innatas del aprendizaje*, em *Biología del aprendizaje*, Paidós, Buenos Aires 1976, p. 85.

A mãe é tudo

Tendo presente a análise do processo constitutivo da pessoa humana, desde o seu nascimento, compreende-se que tal processo apareça como um fenómeno unitário de qualidade muito especial. Fala-se do mistério da unidade na diferença presente em toda a realidade, e o mesmo se pode dizer do processo infantil da criança na íntima relação com os seus pais e mais concretamente com a mãe. Podemos dizer que a criança é os próprios pais.

Ch. Buhler falará de uma “unidade essencial” e Th. Benedek falará mais tarde de uma espécie de “vínculo simbiótico”⁴³ entre a criança e a mãe, dando a entender que a criança não tem entidade em si mesma se a considera separada da sua relação com a mãe. E dirá nesse sentido Winicott que «a criança pequena e o cuidado materno formam conjuntamente uma unidade».⁴⁴ Como na criança não existe um dentro e outro fora, mas uma identidade, afirmará E Neuman: «a criança na fase embrionária pós-natal da relação primigénia está contida na mãe»; e continua: «A criança e a mãe, dum modo semelhante ao que aconteceu na fase embrionária uterina, estão tão incorporadas que formam entre si uma unidade, uma ‘união-dual’».⁴⁵

A criança nesta primeira fase não distingue entre ela, mãe e mundo, é tudo uma peça. A mãe é tudo. Mais tarde virá a individuação. Esta relação primária entre a criança e a mãe é o início e fundamento de todas as relações posteriores e dependências da existência humana individual. Rof Carballo ao falar da urdidura primigénia, estrutura básica e constituinte da criança na sua relação com a mãe, revela uma concepção muito mais concreta, dinâmica e existencial que a de Neuman. Para ele, esta urdidura primigénia está em função da própria constituição da existência concreta da criança «modelando as suas últimas estruturas biológicas pela inter-relação com os seus progenitores e, por meio deles, com os cânones culturais e pautas primordiais, de fazer-se cargo da realidade, próprias da sociedade a que se pertence».⁴⁶

⁴³ J. ROF CARBALLO, *Violencia y ternura*, Prensa Española, Madrid 1967, p. 126. Perante a transcendência deste fenómeno dirá Carballo: «A imporância da simbiose mãe – filho para a ulterior vida do homem constitui, provavelmente, o núcleo mais interessante de toda a chamada patologia psicossomática», ROF CARBALLO, *Urdimbre...* p. 237.

⁴⁴ D. W. WINNICOTT, *El proceso de maduración en el niño*, Laia, Barcelona 1979, p. 44.

⁴⁵ Cf. MANUEL CABADA, *La vigencia del amor*, S. Pablo, Madrid 1994, pp. 66s.

⁴⁶ J. ROF CARBALLO, *Urdimbre...* p. 208.

Esta urdidura primigénia é imprescindível para pôr ponto final às estruturas biológicas ou às potencialidades não desenvolvidas ainda do indivíduo, de modo que com isto se abre uma direcção concreta, aquela que vai ser agora a sua e se fecha a outras possíveis.⁴⁷

Daqui concluímos que o homem é um ser eminentemente relacional. Não existe propriamente a pessoa, mas as pessoas. O próprio ressurgir da pessoa como “substância individual” (Boécio) não é possível sem o encontro, sem a relação com outras pessoas. O que E. Mounier dizia acerca da pessoa humana e do amor vale também e, dum modo mais fundamental e intenso, nos princípios da vida humana.⁴⁸

A pessoa não aparece e não chega à sua própria substantividade e subjectividade senão no encontro acolhedor com uma pessoa que ama. É necessário recordar isto uma vez que nos encontramos numa época em que o único que de facto tem valor são as coisas. Escreve K. Lorenz: «O mal da infância e adolescência de hoje é a falta de contacto pessoal em primeiro lugar com a mãe».⁴⁹

O amor familiar e a divindade

Uma das constantes da história das diversas culturas da humanidade é a sua religiosidade. Aparece sempre a referência do ser humano a algo ou alguém superior de que depende no nascer, viver e morrer. A divindade sempre foi considerada como algo de inacessível ao homem mas ao mesmo tempo próxima e condescendente com os seus desejos, sacrifícios

⁴⁷ A analogia que Carballo faz com a prática textil é clara: «Trata-se duma textura básica do homem, sobre a qual se vão tecer depois as restantes estruturas psíquicas que determinam para sempre, e inexoravelmente, tudo o que vem depois, os seus desenhos e que na prática se deixa de ver se não se examina muito de perto ou com métodos especiais», ROF CARBALLO, *Rebelión...*, p. 21. Esta urdidura não é uma influência ambiental mas alguma coisa que deixa o indivíduo constituído; vem a ser como uma quase herança, talvez por activar dentro dum repertório genético; trata-se duma «segunda herança, de força e tenacidade tão intensas como a herança genética» *Ibid...*, p. 22. É bom recordar o escrito por Santo Tomás de Aquino: «O costume, e sobretudo, o que procede da infância, adquire força de natureza: por isso acontece que aquilo de que se está imbuído desde a infância é mantido com tal firmeza como se fosse natural e evidente» (*Sum. contra Gent.* I, c. II).

⁴⁸ «A relação do eu com o tu é o amor, mediante o qual a minha pessoa se descentra de certa maneira e vive na outra, embora possuindo-se a si própria e possuindo o seu amor. Quanto mais estranhos os outros se tornam para mim, mais estranho sou eu para mim mesmo», E. MOUNIER, *Obras*, I: 1931-1939, Laia, Barcelona 1974, p. 223.

⁴⁹ K. LORENZ, *Las bases innatas...*, p. 86.

e súplicas. A reflexão filosófica, principalmente a ocidental, que nasce num mundo previamente religioso, ao debruçar-se sobre as acções religiosas do homem e ao examinar o que tem de verdade esquece a sua própria origem.

A partir desta situação julgamos importantíssimo voltar a tomar consciência das nossas experiências e vivências humanas mais profundas e universais para chegar à verdade da nossa própria realidade e à compreensão da nossa estrutura religiosa.

O Pe. Teilhard de Chardin vê a ascensão lenta mas inflexível do universo em direcção ao ponto omega (símbolo do transcendente) em relação com o amor: «Somente o amor, graças ao seu poder específico e único de ‘personalizar complexos’, pode realizar esse milagre de sobre-humanizar o homem através e por meio das forças de colectivação; e somente ele, no decorrer de uma fase ainda mais decisiva, pode abrir o acesso ao ponto omega».⁵⁰

Quando a filosofia caracteriza a divindade como a mesma “infinitude” e defende, ao mesmo tempo, que o dito conceito é anterior, de certo modo, ao conceito de finito, está a analisar um ponto importante e fundamental na apresentação de um problema da divindade. Mas o que eles não viram, suficientemente, foi que a experiência mental da infinitude, ou o seu conceito, está alicerçada numa anterior experiência humana fundamental e fundante. A ideia de infinitude seria, por conseguinte, algo derivado. E esta anterior experiência de sentir-se absolutamente acolhido e amado é necessária para toda a pessoa humana. Temos aqui um estranho paradoxo existencial: experiência de infinitude realizada no seio mesmo das relações humanas, em si mesmas finitas. Dou por comprovada a conclusão a que chegaram os estudiosos das ciências da religião: é comum atribuir à divindade qualidades pessoais, paternos ou maternos.

Vários estudiosos do fenómeno humano e religioso intentaram analisar e apreciar com atenção a especial vivência de admiração da criança com relação aos seus pais. O P. Bovet publicava um estudo sobre o sentimento religioso a partir da psicologia da criança. O

⁵⁰ TEILLARD DE CHARDIN, *La activación de la energía*, Taurus, Madrid 1967, p. 119.

⁵¹ P. BOVET, *Le sentiment religieux et la psychologie de l'enfant*, Delachaux et Nestlé, Neuchâtel-Paris 1951.

capítulo terceiro levava como título: «A primeira adoração».⁵¹ Bovet ao analisar casos e testemunhos concretos insiste no modo espontâneo da criança perceber os seus pais como sobre-humanos ou divinos. De certo modo trata-se duma adoração que não é um mero sentimento, mas um sentimento que repercute no modo de pensar da criança. Segundo Bovet, «se se quer formular a ideia que a criança faz do seu pai e da sua mãe, encontramos-nos com os atributos divinos da teologia clássica: a onipotência, a onisciência, a perfeição moral».⁵²

Para a criança os pais estão aureolados com estas perfeições, e embora elas constituam um único sentimento global, contudo a perfeição moral, entendida como bondade total, é a que mais vai «carregada de valor afectivo».⁵³ Todas estas perfeições com que a criança vê a figura dos pais constitui o que Bovet chama «a teologia infantil». Estes atributos divinos, com que a criança reveste os seus pais, vêm a ser para Bovet «o equivalente aos dogmas clássicos da onipresença e da eternidade de Deus».⁵⁴ Para a criança os pais existem em todo o tempo e lugar. «Fora do tempo, imortais, quase se pode dizer, eternos... Para a criança o seu pai e a sua mãe sempre existiram».⁵⁵ E Bovet conclui que o sentimento religioso e o sentimento filial são uma mesma coisa, uma vez que «o pai e a mãe são os deuses da criança: têm todas as perfeições divinas».⁵⁶

Esta visão de Bovet vai influenciar profundamente o pensamento que Piaget tem sobre esta mesma temática. Piaget dirá que Bovet «tirou da psicologia da criança toda uma teoria da origem da religião que é, para o nosso assunto, do mais alto interesse».⁵⁷ Piaget, interpretando as ideias de Bovet, fala da «deificação espontânea dos pais por parte da criança» que faz com que ela atribua aos pais «a santidade, o sumo poder, a onisciência, a eternidade e ainda a ubiquidade».⁵⁸

⁵² *Ib.* p. 27.

⁵³ *Ib.* p. 28.

⁵⁴ *Ib.* p. 29.

⁵⁵ *Ib.* p. 30.

⁵⁶ *Ib.* p. 40. Bovet chama a atenção para o sentido que pretende dar a esta concepção da vivência infantil da divindade dos pais e precisa cuidadosamente o que quer dizer quando se fala da «divinização dos pais». Se se entende que a criança transfere para os pais as perfeições divinas cujo conhecimento lhe foi dado previamente pelo ensino religioso então temos que dizer que esta divinização é posterior à instrução religiosa. Mas o que acontece é tudo o contrário. Esta divinização dos pais por parte da criança surge antes de qualquer tipo de catequese ou instrução religiosa. «Na ordem dos sentimentos é certo que as crianças a quem ninguém ensinou a adorar a Deus “adoram” espontaneamente a sua mãe» (*ib.* p. 38).

⁵⁷ J. PIAGET, *La representación del mundo en el niño*, Espasa-Calpe, Madrid 1983, p. 359.

⁵⁸ *Ib.* pp. 358s. Piaget mantém que «nas etapas mais primitivas a criança tem a impressão que os seus pais governam o mundo» (p. 149). «Com frequência encontramos crianças que pediam aos seus pais

Em conclusão: para Piaget, bem como para Bovet, «o ponto de partida do sentimento filial» é o seguinte: «Os pais são os deuses».⁵⁹

Os pais sacramento de Deus

A maior dádiva que os pais podem conceder ao seu filho que inicia a sua existência é fazê-lo sentir, através do seu amor, embora de uma maneira implícita e profunda, a presença de Deus, o Infinito, o Absoluto. Porque «neste amor, escreve Von Balthasar, experimenta-se, de certo modo, a bondade plena e absoluta, mais além da qual não cabe à priori esperar mais; nesta relação eu-tu abre-se, em princípio, (como no paraíso) a mesma plenitude da realidade... Tudo, o eu, o tu e o mundo, está tão iluminado por este primeiro relâmpago, que ele constitui, por si mesmo, a abertura de Deus ao homem».⁶⁰

No fundo de toda a experiência está, portanto, um amor originário, como dom de vida que se oferece, chama e edifica. Somente a partir desse princípio, desde o «éden da realidade» ou paraíso de Deus que se doa dum maneira gratuita, é que adquire sentido a existência.⁶¹ Será à luz da recordação do princípio que o homem pode caminhar, através de todas as coisas, para a luz e calor do amor sem fim que adquire atributos de «grande mãe divina».⁶² «A mãe chama e chega até ao núcleo mais íntimo da criança através dum primeiro acto que desperta o seu espírito... Esse acontecimento, aparentemente insuperável na sua radicalidade, é superado, mais uma vez, pela graça. Efectivamente, o tu que afecta aqui o homem não é um alguém a quem se acrescenta a peculiaridade de amar, mas é o Alguém que em si mesmo é o amor».⁶³

que interrompessem uma tempestade, ou que pediam, não interessa o quê, como se os pais pudessem tudo» (p. 150). «Muitas vezes perguntámos às crianças se o seu papá poderia ter feito o sol, o Salève, o lago, a terra e os céus. Os pequenos não duvidavam em dizer que sim» (p. 360).

⁵⁹ *Ib.* p. 362.

⁶⁰ H. VON BALTHASAR, *El camino de acceso a la realidad de Dios*, em *Misterium salutis*, II, I, Madrid 1969, p. 29.

⁶¹ *Ib.* p. 30.

⁶² *Ib.* p. 43. Conforme escreve Pikaza, este esquema de Von Balthasar está eviado de certo platonismo. Para Balthasar «a vida, com os seus desenganos e roturas, a sua dureza e luta, é uma espécie de queda, como um exílio que nos retira do lar, originariamente materno», XAVIER PIKAZA, *Experiencia religiosa y cristianismo*, Sígueme, Salamanca 1981, p. 150.

⁶³ *Ib.* p. 47.

Certamente, é Deus que chama, embora a sua voz seja escutada onde o homem, educado no materno, tenha aberto o ouvido da recordação, a disposição da confiança. O acesso a Deus faz-se através da experiência originária da mãe que ofereceu à criança a sua protecção e a sua palavra: como grande mãe de amor ilimitado Deus se revela.

Através dos seus pais, Deus torna-se transparente para a criança. Os pais são como «sacramento» do encontro com Deus. «Os pais são para o filho mediadores de Deus; são para ele todo-poderosos; são uma primeira presença do Amor que cria e salva».⁶⁴ Os pais para a criança têm uma função «representativa» de Deus. «Perante o mundo hostil, o bebé encontra este “absoluto de segurança” nos braços da sua mãe. Perante as dúvidas, as contradições, a agressividade dos seus “pequenos camaradas”, a criança encontrará o absoluto de segurança junto de seu pai, adulto que presume como forte e ao que supõe infalível».⁶⁵

Embora Deus e os pais não sejam duas realidades distintas para a criança, esta não vive enganada; a sua ilusão é, pelo contrário, uma ilusão necessária, enriquecedora, a única que assegura um desenvolvimento normal da sua pessoa; é a autêntica reacção, tão espontânea como profunda, diante da comunicação graciosa que Deus faz de si próprio, através dos seus «representantes» concretos, a uma criança que inicia a sua abertura ao Absoluto e encontro com Ele. A paternidade é experimentada como identificada com a infinitude e a deidade. Esta experiência introduz-se profundamente no homem e não o abandonará jamais.

O pai, imagem de Deus

Ao chegarmos aqui não podemos passar adiante sem fazermos menção, embora de passagem, de Freud. Ouvimos dizer tantas vezes, que já se tornou um tópico: «Freud está superado». Mas o que é certo, é que ele está aí. Não à entrada dos hospitais psiquiátricos e universidades, mas bem dentro. Os psicanalistas freudianos continuam a ganhar lugares e cátedras.⁶⁶

⁶⁴ P. RANWEZ, *Comment éveiller et développer le sens de Dieu chez l' écolier de 6 à 8 ans*, em *Lum. Vit.*, 25, 1970, p. 450.

⁶⁵ M. ORAISON, *Frente a la ilusión y a la angustia*, CEP, Valencia 1968, p. 167.

⁶⁶ Cf. CARLOS DOMINGUEZ MORANO, *Creer después de Freud*, EP, Madrid 1992, p. 9. Como diz Pontalis: «por todas as partes, mesmo ainda entre os prudentes jesuítas, recebe-se Freud com os braços abertos», J.B. PONTALIS, *Après Freud*, Paris 1968, p. 26.

Freud diz numa das suas conferências: «A explicação mais simples, nem sempre é a mais exacta, porque muitas vezes acontece que a verdade é complicada». Precisamente no que diz respeito à influência do pai no desenvolvimento da criança e do nascimento da ideia de Deus nela, Freud foi pela «explicação mais fácil» que não é, em absoluto, exacta. É de todos conhecida a importância que Freud dá às primeiras vivências infantis do homem. As vivências dos cinco primeiros anos da infância exercem uma influência determinante sobre a vida à qual nada do que possa suceder depois se oporá. E para ele a experiência religiosa humana está especialmente ligada a essas vivências. Na sua teoria, acerca da génese das ideias religiosas, a figura do pai é uma referência constante.

Para ele a psicanálise revelou a íntima relação existente entre o complexo do pai e a crença em Deus e mostrou-nos que o Deus pessoal não é, psicologicamente, outra coisa que um pai transfigurado. Daqui conclui que a raiz de toda a estrutura religiosa consiste na saudade do pai.

Vitor Frankl, fundador da logoterapia, responde a S. Freud. Descobre o sentido teológico e a presença de Deus na primeira relação pai-filho. Para ele a ideia de Deus não é mera dedução ou projecção da imagem do pai. «Na realidade, Deus não é uma “imagem do pai”; o pai é que é a imagem de Deus. Para nós, não é o pai o protótipo ou imagem ideal de toda a divindade, mas exactamente o contrário: Deus é o protótipo de toda a “paternidade”. O pai é só o primeiro ontogenética, biológica e biograficamente. Deste modo, psicologicamente, a realação filho-pai é anterior à relação homem-Deus, mas, ontologicamente, a primeira não é modelo para a segunda, mas ao contrário».⁶⁷

O divino do amor humano

Vimos como a criança surge e se vai consolidando no encontro com os pais. Como o eu procede do encontro com um tu que acolhe e ama com ternura. Vimos também a relação existente entre esse encontro no amor e a experiência da divindade acolhedora. Vamos agora prestar atenção àquela

⁶⁷ VIKTOR E. FRANKL, *La presencia ignorada de Dios*, Herder, Barcelona 1984, p. 66.

actividade que emana, espontaneamente, da pessoa, do ser, do eu que se sente amado e acolhido.

Até aqui a existência do homem está caracterizada por uma recepção ampla e profunda do amor. A partir de agora, superada, não esquecida, a época infantil, a pessoa começa a sentir o impulso profundo e nobre do amor para com os outros, sente-se portadora e continuadora activa de uma acção semelhante àquela que tiveram com ela. O homem sente em si mesmo o impulso de amor, a tendência à entrega de si mesmo ao outro, uma actividade que parece espontânea e natural, carregada de poder e cheia de plenitude, em certo sentido inesgotável. Esta entrega do amante ao outro não consiste numa fuga de si mesmo para o exterior, nem uma diminuição da própria auto-estima ou do amor a si mesmo, mas num transbordar para o outro do amor recebido.⁶⁸

O amor maduro e activo do homem é como o transbordar dum caudal de amor que o homem recebeu em si mesmo e experimentou como inesgotável; é uma energia de certo modo superior ao próprio homem da qual ele participa e vive, uma força que vai crescendo na medida em que se doa.⁶⁹ Para Santo Agostinho o amor é algo diferente da acção amorosa singular e pontual; é como uma força e um poder que actua no homem ou sobre o homem, embora a partir do mais íntimo do seu próprio ser. O amor é amado pelo homem antes de qualquer acção concreta amorosa, já que o amor é rigorosamente aquilo «pelo que amamos».⁷⁰

Santo Agostinho ao falar do verdadeiro amor correspondido entre homem e mulher diz o seguinte: «Ela vê-o a ele, ele vê-a a ela;

⁶⁸ Nietzsche não tem razão quando fala do «amor ao próximo» como uma mera estratégia de auto-afirmação através do outro ou como se o amor ao outro implicasse debilitamento ou diminuição da própria personalidade. Pelo contrário: «Um requisito prévio necessário para amar os outros é o verdadeiro amor a si mesmo». Porque «é impossível amar os outros odiando-se a si mesmo. Somente podemos amar os outros se nos amamos a nós mesmos», A. S. NEILL, Summerhill. *Un punto de vista radical sobre la educación de los niños*, FCE, México-Madrid-Buenos Aires 1977, p. 212.

⁶⁹ Para Santo Agostinho, assim como os corpos físicos são conduzidos pelo seu peso ao seu próprio lugar, assim acontece com o homem. «O meu amor é o meu peso: por ele sou levado aonde quer que vá» (*Confissões*, XIII, p. 10). Para Teilhard o amor não só tem uma dimensão antropológica, como em Santo Agostinho, mas também cósmica. O amor é «a mais universal, a mais formidável e a mais misteriosa das energias cósmicas», TEILHARD DE CHARDIN, *La energía humana*, Taurus, Madrid 1967, p. 35. Teilhard chega mesmo a falar do amor como «força selvagem», «energia estranha», «energia primitiva e universal», etc. *Ib.* pp. 35s. Para Xavier Pikaza o amor é «uma força cosmológica que alenta através da nossa força..., um dom gratuito que nos ultrapassa e nunca podemos dominar através das nossas próprias criações.» X. PIKAZA, *Palabra de amor*, Sígueme, Salamanca 1983, pp. 55s.

⁷⁰ *Sermo*, XXI, 2.

ninguém vê o amor. E, contudo, este mesmo que não se vê é amado».⁷¹ Esta dinâmica amorosa é possibilitada e impelida não exactamente pela mesma subjectividade do amante, mas por aquilo mesmo que se ama. É esta visão agostiniana do amor, como energia superior ao homem amante, que lhe dá facilidade e o torna inesgotável.

Feuerbach na *Introdução à Essência do Cristianismo*, influenciado por esta visão agostiniana escreve o seguinte: «Não são forças que o homem tem; são, enquanto elementos fundamentais do seu ser, poderes que o animam, determinam e dominam (refere-se à razão e vontade, mas também ao amor ou coração). Poderes divinos, absolutos a que não se pode opôr resistência alguma... Quem é mais forte: o amor ou o homem individual? Possui o homem o amor ou não será antes o homem possuído por ele? Quando o amor move uma pessoa a entregar-se à morte, até com alegria, pelo amado, essa força superadora da morte será a própria força individual ou não será antes a força do amor?» (VI,3s).

Sem mais rodeios podemos dizer que por detrás deste amor humano está Deus. E uma vez mais voltamos a Santo Agostinho para vermos melhor a íntima relação existente entre a experiência do amor e a experiência de Deus. Os seus comentários à primeira carta de S. João (4, 7-21) são de grande profundidade e transcendência antropológica.⁷² Aqui fala-se do amor de Deus ao homem como algo anterior ao amor do homem a Deus, de Deus como amor, da unidade entre amor a Deus e amor ao próximo, enquanto que não se pode amar a Deus se não se ama o irmão. Continua presente no seu pensamento o que antes tinha dito do amor como força ou energia que possibilita o acto amoroso concreto. Segundo ele, quem ama conhece e vê a Deus, porque no interior do amor habita Deus. «Podes dizer-me: “não vejo a Deus”. Acaso podes dizer-me: “Não vejo o homem?” Ama o irmão. Já que se amas o irmão a quem vês, também verás, ao mesmo tempo, a Deus».⁷³

⁷¹ *Sermo*, XXXIV, 4.

⁷² Santo Agostinho, embora tenha aqui um intenção ou finalidade pastoral, não dogmática, é, contudo, fiel a S. João. O que pretende não é dar uma definição de Deus, mas fazer descobrir aos seus discípulos o preço e a necessidade do amor fraternal. Este amor fraternal embora, aparentemente, una somente o homem com o homem, une também o homem com Deus, porque Deus é, substancialmente, esse amor. Cf. P. AGAESSE, *Commentaire de la première épître de S. Jean*, Cerf, Paris 1961, p. 39.

⁷³ S. AGOSTINHO, *Tract. in epist. Io*, V, 7.

Existe aqui uma identificação entre o amor e Deus, de tal maneira que Santo Agostinho fala da «necessidade» a que está submetido o amante de amar «o amor» ao amar o irmão. E tal «necessidade» nasce da certeza de que o amor ao irmão leva consigo o amor a Deus e, portanto, também o conhecimento e a visão de Deus. «Quem ama o irmão ama também a Deus? É necessário que ame a Deus, é necessário que ame o mesmo amor. Pode, acaso, amar o irmão e não amar o amor? É necessário que ame o amor. Por amar o amor ama, portanto, a Deus? Assim é. Amando o amor, ama a Deus... Se Deus é amor, quem ama o amor ama a Deus. Ama, portanto, o irmão e não tenhas a menor dúvida. Não podes dizer: Amo o irmão, mas não amo a Deus. Da mesma maneira que mentirias se disseses: “Amo a Deus”, não amando o irmão, assim te enganarias se disseses: “Amo o irmão”, pensando que não amas a Deus».⁷⁴

Para Santo Agostinho este amor ao “amor”, que está por cima do amor ao irmão, faz com que o amor, e com ele, Deus, sejam mais conhecidos, estejam mais presentes no interior do homem que o mesmo irmão a quem se ama. E este amor não só vem de Deus, mas é o próprio Deus. Portanto dizer que se ama o irmão em virtude deste amor é o mesmo que dizer que se ama por virtude, pelo poder de Deus. «Ninguém diga: “Não sei o que amo”. Ama o irmão e amará o mesmo amor. Pois conhece melhor o amor com que ama, que o irmão a quem ama. Eis aqui, como Deus pode ser mais conhecido que o irmão: certamente mais conhecido porque mais presente; mais conhecido porque mais íntimo; mais conhecido porque mais seguro. Abraça o amor de Deus e no amor abraçarás a Deus».⁷⁵

Para Santo Agostinho o importante é procurar a origem ou o fundamento do amor ao próximo. E a origem é Deus. Desta maneira a acção amorosa do homem é transformada qualitativamente em virtude da sua origem. A acção já não se refere exclusivamente ao homem, mas dum modo muito mais profundo ao próprio Deus. Por isso diz Santo Agostinho: «Actuar contra o amor é actuar contra Deus».⁷⁶

A partir da carta de S. João, Santo Agostinho levanta outra questão relacionada com a origem da acção amorosa do homem: é a da

⁷⁴ Id. *Tract. in epist. Io. IX*, 10.

⁷⁵ Id. *De Trinit. lib. VIII*, c. VIII, 12.

⁷⁶ Id. *Tract. in epist. Io. VII*, 5.

prioridade. Por isso mesmo ele insiste em que o acto amoroso da pessoa humana pressupõe, previamente, o homem ter sido amado por Deus. Esta visão de Agostinho acerca do amor, como força transcendente ao homem e identificada com o próprio Deus, condicionou, de uma forma ou de outra, todas as reflexões feitas posteriormente sobre o amor. Recordo Feuerbach, Horkheimer, Garaudy e o P. Ranher.

O P. Ranher, bem como Santo Agostinho, dá uma importância transcendental, no pleno sentido da palavra, à acção amorosa para com o próximo. Para ele é, nesse acto originário de amor ao próximo, onde se dá a “experiência de Deus” de maneira radical ou fundamental: «A relação originária com Deus é o amor ao próximo».⁷⁷

É no amor ao próximo que o homem aprofunda e amplifica a experiência de Deus iniciada no seio e no regaço materno.

O papel do pai

Aqui o pai joga um papel muito importante. A experiência de Deus aparece até aqui com um cunho muito materno. Assim o apresentam certos autores como Von Balthasar e H. Kung.⁷⁸ Estes autores apresentam-nos uma teodiceia do amor materno. À luz desta teodiceia o mundo que os varões criaram pode parecer-nos alienante, destrutoras as razões da ciência e absurdas as suspeitas filosóficas e psicológicas. Nada disso. Simplesmente querem dizer que no meio das lutas e contendas existe um sinal mais profundo, como o arco íris de promessa e formosura: continua a existir o amor de mãe, o homem nasce à existência no amor.⁷⁹

«Contudo devemos acrescentar que é necessário realçar o outro polo, projectado pela lei do pai. Deus não se encontra somente no

⁷⁷ Sobre a unidade do amor a Deus e do amor ao próximo e sobre o encontro com o homem e o mundo, como meio duma experiência de Deus pode ver-se: *Escritos de Teología*, VI, Taurus, Madrid 1969, pp. 271-292.

⁷⁸ Cf. H. KUNG, *Existe Dios?* EC., Madrid 1979, pp. 587-616; VON BALTHASAR, *El problema de Dios en el mundo actual*, EG, Madrid 1960, pp. 331-337.

⁷⁹ A aportação de H. Kung é muito valiosa mas incompleta. A experiência originária da criança e a sua abertura ao divino dão-se não só pela relação com a mãe mas recorrendo também à lei do pai. Esta é a postura de A. VERGOTE, em *Psicología religiosa*, 1975, pp. 186-255.

retorno à mãe - natureza; não é refúgio que nos livra dos males e razões deste mundo. Deus manifesta-se também no agir do homem sobre o mundo, na exigência cultural, na lei transformadora, em tudo... o que podemos condensar na figura do pai. Por isso devemos dar um passo à frente, de tal maneira que, superando toda a fixação não dialética num Deus que somente seja felicidade – mãe, retorno – natureza, possamos descobrir o divino na inquietação – pai – saída – criatividade».⁸⁰

A criança não nasce simplesmente a partir do sorriso da mãe; nasce também da lei do pai, com a sua urgência de criação, saída de si mesmo, procura e risco. O homem vai-se fazendo num processo de criatividade exigente, quando sai da mãe, renuncia ao seu desejo de totalidade e, assumindo a sua limitação, torna-se capaz de aceitar a lei da existência partilhada que os homens foram forjando. O homem é ele mesmo, precisamente, quando supera o nível dos impulsos instintivos e os estrutura num todo simbólico presidido pelo pai, que é a encarnação da lei e renúncia criadora. O homem é filho do carinho quase instintivo da mãe que acolhe e embala e da voz do pai que exige a superação do plano natural e a inserção no mundo empenhado na construção duma sociedade feliz, do “paraíso perdido” que se vislumbra pela recordação da mãe. É nesta tarefa onde encontra o seu lugar o verdadeiro pai, simbólico e humano.

Para que a experiência religiosa seja completa, não basta com perguntar em que devemos confiar e acreditar, mas também o que devemos fazer. E neste campo Deus inquieta.⁸¹

Conclusão

Temos de dizer que o homem não se abre a Deus nem aprende a amá-lo em virtude de certas instruções. As palavras sem experiência não têm sentido, são ocas. «A linguagem religiosa, incluída a palavra

⁸⁰ X. PIKAZA, *Experiencia religiosa y cristianismo*, Sígueme, Salamanca 1981, pp. 152s.

⁸¹ Cf. A. VÁZQUEZ, *Dinamica psicológica y espiritualidad en Santa Teresa de Lisieux*, em *Rev. de Espiritualidad*, 31, 1972, pp. 408-451.

“Deus”, somente voltará a ter sentido quando as experiências perdidas a que tais palavras fazem referência cheguem a ser sentidas como parte da realidade humana». ⁸² Para que isto aconteça temos de voltar às origens, ao berço, a essas experiências silenciosas, mas fortemente sentidas pelo homem. Temos que nos tornar como crianças para voltar a sentir a felicidade do ser e do amor como dons. Somente assim encontraremos em nós experiências e dimensões ocultas que nos falarão de Deus-amor. Então a linguagem sobre Deus sai de dentro e o mandamento do amor tem sentido. Porque amar não tem sentido por força dum mandamento. Somente experimentando a frescura do amor e da ternura poderemos ver a Deus.

⁸² H. COX, *Las fiestas de locos*, Madrid 1972, p. 45.

LUIS DE SOUSA

HISTORIADOR DA SANTIDADE PORTUGUESA*

BERTRAND DE MARGERIE

Que destino agitado! Cavaleiro da Ordem de Malta, prisioneiro na Argélia, comerciante em diversos países da América Latina, Luís de Sousa (1555-1632), com cinquenta e oito anos de idade entra, com a sua esposa, depois da morte da filha única, na vida religiosa (donde o célebre drama de Almeida Garrett, no século XIX).

A Ordem de S. Domingos, onde ele entrou, encomendou-lhe redigir trabalhos históricos valendo-se de materiais já prontos.¹ Assim, relança uma biografia do venerável Bartolomeu dos Mártires como a história da Ordem em Portugal: dois clássicos da língua.

Examinaremos com Luís de Sousa dois casos particularmente belos da santidade portuguesa: a princesa Joana (1452-1490) e Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) sobre quem apresentaremos a obra noutro artigo desta Revista, também ela importante na história da literatura portuguesa.

* Este artigo foi oferecido pelo Autor com o pedido de tradução e publicação na *Revista de Espiritualidade*, depois de ter sido publicado na língua original em *Didaskalia*, 2, 1991, vol. XXI.

¹ No caso de Santa Joana, a obra preciosa de Domingos Maurício Gomes dos Santos, S.J., *Santa Joana de Portugal. O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, Lisboa 1963, esclarece-nos sobre as fontes de que dispunha Luís de Sousa, especialmente (t. II, pp. 228-304) o *Memorial*, que parece ter sido a biografia mais antiga da Santa. Coincide com a biografia da Soror Margarida Piveria, criada da princesa, mencionada por Bento XIV (*De Servorum Dei Beatif.*, Z. 2, p. 184, par. 66)?

A vida da princesa Santa Joana (*História de São Domingos*, II parte, livro v, c. 5 a 7)

Nesta história do Portugal dominicano e dos conventos masculinos e femininos da Ordem em Portugal, esta vida duma princesa heroica – ligada ao convento de Aveiro² durante a segunda metade do século XV – diz-nos particularmente respeito.

1. O drama da vocação

A princesa era filha do rei Afonso V. Duma religiosidade precoce, desde a idade de doze anos, retirava-se ao oratório para ler as vidas dos santos.

Aos quinze anos perdeu a sua mãe. O rei, seu pai, confia-lhe os trabalhos que ocupavam a sua mãe. Levando na corte uma vida de penitência, ela desejava a vida religiosa. Daí a sua recusa em casar com o Delfim de França, filho do rei Luís XI.

Em 1471, Afonso V regressa vitorioso de uma breve campanha militar em África. A princesa Joana governa o reino durante a sua ausência. Ao regressar dirigiu-lhe as seguintes palavras:³

«Conquistou (Vossa Alteza) duas cidades em reino estranho e muito longe do seu. Matou infinitos inimigos da fé, tudo à custa de muito perigo e trabalho seu, mas de pouco sangue dos seus... Obrigado fica... mostrar-se agradecido por alguma nova maneira ao Senhor dos exércitos; obrigado a alegrar hoje seus vassallos, enchendo-os de mercês a todos, e não negando nenhuma a quem lhe souber pedir coisas justas. Dizia eu, Senhor, que se o agradecimento há-de ser igual ao risco que se passou e à honra que a jornada tem rendido pera Vossa Alteza e pera todo este Reino, não pode nem deve ser outro senão oferecer Vossa Alteza a Deus uma filha que muito ama. Se lha der, só nisto se enxergará verdadeiro reconhecimento da mercê que tem recebido; e eu que sou essa única e amada filha, e aquela a quem mais custou a jornada, de lágrimas e medos, sou a mesma que peço a Vossa Alteza por mercê e dom singular que a cumpra. O que será, dando-me licença pera escolher um Mosteiro em que dedique a Deus a vida, a liberdade, e o gosto. Não pode Vossa Alteza em tal vitória escusar-se de dar a Deus graças com uma obra tão grande: nem em dia tão alegre,

² Ver o art. «Aveiro» na Enciclopédia Verbo.

³ O problema da historicidade destes discursos coloca-se inevitavelmente. Podemos admitir que Luís de Sousa procedeu como Thucydide: «Eu fiz dizer a cada orador, em cada circunstância, aquilo que me parecia mais a propósito, atendendo o mais possível ao pensamento geral que teria inspirado realmente estas palavras» (citado por M.-J. Lagrange, O.P., *Evangile selon saint Jean*, Paris 1925², p. LXXXVII).

negar a uma só filha que tem, uma mercê que lhe pede».⁴

O rei aceita publicamente, embora contrariado, o pedido não menos público da sua filha. Luís de Sousa teve, além disso, o cuidado de situar este diálogo comovente em relação com a história religiosa e civil da Antiguidade; porque ele pôs nos lábios da princesa, precisamente antes do que acabámos de referir, os propósitos que se seguem:

«Tendo lido que foi costume dos grandes Reis e Capitães antigos, quando, acabada alguma famosa empresa, tornavam a sua casa, oferecerem ao Deus que veneravam as melhores e mais estimadas coisas que em seus Reinos havia; e no dia que entravam, à hora do triunfo faziam mercês e concediam liberalmente tudo quanto se lhes pedia».⁵

Aqui, Luís de Sousa – e, sem dúvida também, a princesa Joana – fazia alusão quer à antiguidade pagã quer ao Antigo Testamento. Podíamos ler Fustel de Coulanges e a sua *Cidade antiga*:

Depois de cada vitória oferecia-se um sacrifício; é essa a origem do *triumfo* tão conhecido entre os Romanos e que não era menos usual entre os Gregos. Este costume era a consequência da opinião que atribuía a vitória aos deuses da cidade. Antes da batalha, o exército dirigira-lhe uma prece análoga à que se lê em Ésquilo: «A vós, deuses que habitais e possuíis as nossas terras, se as nossas armas forem propícias e a nossa cidade fôr salva, prometo regar vossos altares com sangue de ovelhas, imolar touros e expor nos vossos templos santos os troféus ganhos com a lança». Em virtude desta promessa, o vencedor ficava obrigado a oferecer um sacrifício. As tropas entravam na cidade para a cumprirem. Dirigiam-se ao templo formando uma longa procissão e cantando um hino sagrado. Em Roma a cerimónia era muito semelhante.⁶

Provavelmente, Luís de Sousa – e já também a princesa Joana – tinha em vista, sobretudo, uma espiritualização do drama da filha de Jefté (*Jz* 11,31-40). Juíz, isto é, chefe, em Israel, no século XII antes de Cristo, Jefté, na guerra contra os Amonitas, fez voto a Javé de lhe oferecer em holocausto a primeira pessoa que saísse de sua casa indo ao seu encontro quando ele regressasse vitorioso. Ele volta vencedor. A sua filha, sua única filha, sai à frente da «fanfarrá» que o vinha receber. Desfeito em dor, o pai permite à sua filha que chore a sua virgindade durante dois meses, nas montanhas, com as suas amigas, cumprindo depois o seu voto, pelo qual se

⁴ Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, Lisboa 1866³, 2ª parte, Livro V, cap. 2, pp. 391-392 (abrev.: *HSD*, livro V, seguido do número da página).

⁵ *Ibid.*, p. 391.

⁶ Fustel de Coulanges, *La cité antique*, Livro III, Paris 1900¹⁷, cap. 7, pp. 192-193.

tinha comprometido a oferecer um sacrifício humano.⁷

Este voto era objectivamente insensato, contrário à vontade divina (cf. *Dt* 12,31); Jefté não tinha nem o direito de o emitir nem, menos ainda, de o cumprir. Porém – estranho paradoxo – ele julgou que fazia bem. Com efeito, o seu gesto homicida reunia gestos análogos feitos por outras religiões: pensemos em Efigénia de Eurípedes,⁸ nos sacrifícios humanos entre os Astecas, em Jonas lançado ao mar pelos marinheiros.⁹ Em todos estes casos, como no da filha de Jefté, a entrega voluntária da vítima, aceitando a sua morte, constitui o aspecto mais comvente do sacrifício humano; neste sentido, o sacrifício de Jesus parece ter sido preparado, prefigurado, ilustrado pelos sacrifícios humanos voluntários de tantos homens e mulheres de culturas tão diversas: «Pai, se fizeste um voto ao Senhor, trata-me segundo o que prometeste» (*Jz* 11,36), dizia sua filha a Jefté.

Tal como a Antiga Alinça, também a Nova proibiu os sacrifícios humanos, mas suscita o que a Antiga não tinha sugerido nem sequer imaginado: o sacrifício espiritual da pobreza e do celibato voluntário. Este último antecipa, de alguma maneira, a morte.¹⁰

Eis-nos agora à altura de compreender o sentido profundo do oferecimento público da princesa Joana. Ela vê nele uma acção de graças que o seu pai oferecerá à Magestade divina pela vitória em África: regressando em triunfo, ele ofereceria a Deus o melhor dos dons, sua filha longe da corte e vivendo num convento; mas a sua entrada em religião seria também, em permanente acção de graças a Deus, uma graça concedida a ela própria, principal colaboradora do rei durante a sua ausência.

Compreende-se que a princesa Joana não tenha apresentado o seu pedido durante um encontro na intimidade familiar, mas, pelo contrário, publicamente, diante de toda a corte, durante um discurso ao mesmo tempo político e religioso: a cidade medieval não eliminou, antes cristianizou o sacrifício de acção de graças da «cidade antiga». A princesa entende ser ela própria o sacrifício de acção de graças que o seu pai, vitorioso, deve oferecer a Deus. Aceitando a sua entrada no convento, a cidade terrena presta homenagem ao Criador. À imagem de Cristo, Filho

⁷ S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II. II. 2. 2; cf. S. Agostinho, em *Hept.*, VII, 49 (*PL* 34, 810), e R. Tamisier, «Note sur la fille de Jephthé», em *La Sainte Bible*, ed. Pirot-Clamer, t. III, Paris 1949, pp. 243ss.

⁸ Sabemos que, na mitologia grega, Agamenon duvidou, para apaziguar a cólera de Artemisa, sacrificar a sua filha Efigénia, que marchou heroicamente para a morte. Donda as variantes nas tragédias de Eurípedes, de Racine e de Goethe que levam o nome de Efigénia.

⁹ Cf. *Jo* 1, 12-15; cf. ainda H. Cazelles, art. «Bouc émissaire», *Catholicisme* II (1949) pp. 179-181.

¹⁰ L. Legrand, *La virginité dans la Bible*, Paris 1964, pp. 54-63.

único de Deus e de Maria, a princesa Joana é a filha única do rei, incarnando nela própria e com ela toda a nação portuguesa.

Luís de Sousa não nos oculta as reacções tão diversas que se seguiram ao discurso da princesa: o rei aceita, os nobres recusam, e a princesa mostra, por sua vez, que ela própria aceita a misericórdia do rei para consigo beijando-lhe a mão.

Resumindo: o historiador dominicano colocou-nos de repente em presença duma vocação inseparavelmente cívica e religiosa: é como princesa que Joana é chamada à vida religiosa, e o chamamento divino não deixará de ter implicações políticas.

2. A princesa defende a sua vocação diante dum bispo

Um pouco mais tarde, a princesa recebe o hábito religioso como noviça no convento de Aveiro. A notícia irrita Portugal. O príncipe herdeiro seu irmão vem para a convencer a renunciar à vida religiosa; não tendo sucesso, fez-se substituir pelo bispo de Évora, D. Garcia de Meneses. Luís de Sousa transmite-nos, nestes termos, a resposta da princesa:

«Bispo reverendo, tudo o que me tendes dito, devo e quero crer por obrigação de cristã, que vo-lo faz dizer o zelo que tendes do serviço d'El-Rei meu Senhor e Pai e do bem de seus povos; e por esta parte não mereceis repreensão; mas que conta haveis de dar a Deus, sendo sucessor de Cristo Jesus seu Filho no hábito de Sacerdote e profissão de Prelado, atreverdes-vos a persuadir-me uma coisa tão encontrada com as obrigações que prometestes, que jurastes? Como haveis de desculpar com vossa consciência atijardes o fogo da ira do Príncipe meu Senhor e irmão, com razões mais aparentes que verdadeiras, mais artificiosas que bem fundadas, só porque vos parece que o agradais nisso? Vós que tínheis obrigação, como Padre espiritual, de o mitigar e trabalhar que não chegasse a cólera a infeccionar-lhe a alma e cometer culpa contra Deus; vós que, como outro Ambrósio, devereis aconselhá-lo que temesse entrar por estes claustros sagrados, se não fosse a honrá-los e venerá-los; e fazei-o tanto ao revés, que em sua presença e minha tendes boca pera falar em tirar hábito e religião e não tendes consideração pera ver que o haveis com um Deus que a vós pode castigar (e temei-o muito) só polo que dizeis; e a El-Rei meu Senhor só por me conservar neste estado, que com sua licença busquei, havíeis de ter por fé (se sentis bem dela) que dará vida e honra e novas vitórias, e ao Príncipe muitos filhos e netos e saúde e vida pera os ver e lograr».

Interrompemos por instantes o discurso: na continuidade do raciocínio cívico-religioso já referido, a princesa não hesita a predizer ao

bispo que Deus dará ao seu pai novas vitórias obrigando-o a permitir-lhe continuar no estado religioso por gratidão; subentende-se também o receio de perder, pelo menos em parte, o seu poder político se ele se opusesse à vocação da princesa.

Retomamos o discurso que tem por fim mostrar a um bispo o seu dever de fazer uma correcção fraterna:¹¹

«Se os Eclesiásticos não discursam como Eclesiásticos, não falam como Eclesiásticos, que se há-de esperar do vulgo? Se a vossa Teologia vos ensina que nem nas coisas humanas se move a folha de uma árvore sem vontade de Deus, como nas divinas e no que foi inspiração do Céu e quase nascida comigo haveis de pôr nome de apetite? Estando escrito que nem o nome de Jesus podemos pronunciar, nem vós, nem eu, sem especial movimento do Espírito Santo. Se isto ignoráveis não merecéis de mim resposta; e se o sabíeis, como sei que sabeis, mereceis nome de adulator pera com o Príncipe e de enganador pera comigo.

E qualquer que seja vossa tenção e entendimento, sabeis de certo (e com isto concluo) que a causa é de Deus, que se não sujeita a poderes humanos; e pola mesma razão não haverá nenhum na terra que me tire o prosseguir-la; e se ele for servido que me custe a vida tal demanda, isso terei por ventura, por Reino e por Império».¹²

O horizonte do martírio domina a conclusão. A princesa está persuadida de que a sua vocação procede do sopro do Espírito Santo. Ela será então feliz se morrer fiel a este chamamento divino. O Espírito que a impede de recuar diante do martírio, dá-lhe também a inspiração de corrigir um bispo com uma severidade extrema. O historiador dominicano apresentando-nos o discurso da princesa, torna-se em eclesiólogo: um simples leigo, tal como a princesa, pode compreender melhor do que um príncipe da Igreja as exigências do Evangelho sobre ele e sobre ela. E ela conservará então o seu hábito religioso.

Temos de reconhecer, entretanto, que a dureza dos adjectivos usados («adulator», «enganador»), precisamente porque ela é pouco compatível com o modo respeitoso exigido pela dignidade do personagem corrigido, far-nos-ia talvez duvidar da historicidade substancial do discurso... Conviria comparar o discurso atribuído à princesa com o Memorial publicado por Domingos Maurício Gomes dos Santos em 1563: trata-se da biografia mais antiga da princesa e de uma fonte, pelo menos parcial, de Luís de Sousa.¹³

¹¹ S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, III.II, q. 33.

¹² *HSD*, II, livro V, cap. 5, p. 402.

3. Como quer que seja, este capítulo faz-nos assistir a um golpe de teatro

Os teólogos dominicanos que foram consultados por sugestão da princesa, sobre a sua decisão de professar no convento de Aveiro, concluem negativamente por causa da debilidade da sua santidade. Donde a *renúncia* – por um acto público – *da princesa à profissão*, por obediência. Ela depõe o seu hábito. Mas fá-lo para o retomar, e para significar não já uma ausente determinação de professar, mas para viver ao serviço das monjas, vivendo substancialmente, como elas, uma consagração total.¹⁴

Assistamos, com o seu historiador, a este acto público de obediência humana aos teólogos dominicanos:

«Decretoou-se que, visto estar tão debilitada por doença e ser tão fraca de natureza que manifestamente se via não poderia cumprir com os encargos e austeridades da Ordem, ficava em consciência obrigada a deixar a pretensão que tinha de professar nela, e esta resolução lhe levou o Vigário geral [da Ordem]. Ouviu-a ela com muita dor de sua alma; mas com grande ânimo lhe afirmou logo, que se bem a lançavam da profissão de Freira, esperava em Nosso Senhor de ser Freira sem profissão naquela casa e nela viver e morrer sem sair nunca pero outro estado; e porque se visse que nem suas determinações antigas foram levemente tomadas e por isso as mantivera até cair com a carga, nem repugnava ao decreto presente, que tinha por ordem mandada por Deus, pois saíra do entendimento e acordo de servos seus, fez um acto público de desistência da pretendida profissão, e foi na forma seguinte. Chamou a Priora ao seu Oratório e diante dela despiu o hábito, dobrou-o por suas mãos, beijou-o e colocou-o sobre o Altar, tudo com um termo e respeito tão devoto que declarava bem lhe custava muito deixá-lo.

Após isto cobriu uma mantilha e envolta nela deu vista à Comunidade; andando um espaço pelo Mosteiro pera que geralmente constasse que já não era noviça, nem pretendia professar, e, cumprimento da determinação do Vigário geral. Passadas algumas horas que assi estive e lhe pareceram bastantes pera perfeição daquela cerimónia, de que se havia de dar conta a El-Rei e aos Prelados, tornou ao Oratório seguida de todas as Religiosas; então, repetindo e ratificando diante delas as mesmas palavras que tinha dito ao Vigário geral, lançou de novo mão do hábito, abraçou-se com ele, e

¹³D. M. Gomes dos Santos parece convencido em geral do valor histórico da obra de Luís de Sousa (t. I, p. 58).

¹⁴O duplo gesto da princesa evocava, em princípio, esta bela declaração do Papa Pio XII, no 9 de Dezembro de 1957, por ocasião dum congresso sobre os estados de perfeição, em Roma: «Pensamos... em tantos homens e mulheres que assumem no mundo moderno as profissões e encargos mais variados e que, por amor de Deus e para o servir no próximo lhe consagram a sua pessoa e toda a sua actividade. Eles empenham-se na prática dos conselhos evangélicos fazendo votos privados e secretos, conhecidos unicamente por Deus, e fazem-se guiar, no que diz respeito à submissão da obediência e da pobreza, por pessoas que a Igreja julgou aptas para tal e a quem ela confiou o encargo de dirigir os outros no exercício da perfeição» (AAS 50 [1959] 36).

pondo-o nos olhos com tanto gosto e alvoroço como se então o recebera a primeira vez, vestiu-se nele e dizia com devoção: Bem conheço, hábito santo, que não merecia eu trazer-vos, nem por cerimónia, quanto mais acompanhado dos ganhos e riquezas espirituais de professa; mas eu prometo nesta pobreza em que fico não vos deixar jamais, senão for na sepultura.

E dizia pera as Religiosas: ao menos, Madres, já que meu Senhor Jesus Cristo não quis servir de mim, não me tirará servir-vos eu a vós, enquanto esta alma governar estes membros tão fracos e tão pera pouco. Assi o farei e terei por favor e mercê sua que sirva suas servas».¹⁵

O leitor é sensível à extraordinária síntese, tão sublime e dramática, dentro da fragilidade, donde vem, através dos séculos, o testemunho. A espantosa mistura do jurídico, do simbólico e do ideal espiritual deixa-o mudo de admiração. Almeida Garrett terá conhecido estas páginas de Luís de Sousa? É duvidoso, porque é fácil de imaginar o partido que ele teria tirado da cena!

Em suma, está claro como a renúncia da profissão solene e pública dos conselhos evangélicos não constitui para a princesa uma renúncia à sua prática; ela mantém como ideal da sua vida a prática dos conselhos evangélicos de castidade perfeita – voltaremos a falar dela – e de obediência; as estruturas canónicas da vida religiosa feminina da época da princesa Joana não lhe permitiam fazer o que ela poderia fazer hoje, isto é, professar uma vida contemplativa privada de austeridade precisa e obrigatória; é precisamente este estilo de vida que instituiria, algumas dezenas de anos depois da morte da princesa, S. Francisco de Sales entre as visitandinas.

Podemos dizer que, na nossa época, a princesa não teria sido excluída da vida religiosa por falta de santidade. Ela encontraria hoje comunidades adaptadas para «pequenos santos»! A Igreja, adaptando-se às necessidades das almas sem diminuir o fervor do seu ideal de caridade evangélica, bem ao contrário, manifesta o seu progresso na compreensão do Evangelho e no exercício da caridade.

4. Significado do voto privado de castidade perpétua pronunciado em 1481 pela princesa Joana

Em 1481, faleceu o rei Afonso V, pai da princesa. Veio ao mundo um filho natural de seu irmão, sucessor de Afonso V. A princesa aceita, conforme ao desejo de seu irmão, levar para o convento de Aveiro esta criança com a idade de apenas três meses. Além disso, seu irmão tinha já

¹⁵ *HSD*, II, livro V, cap. 6, pp. 404-405.

um herdeiro legítimo, o que afastava a possibilidade do seu acesso ao trono de Portugal. Nestas condições Joana reconsiderou a sua situação:

«Julgava a Princesa que podia já tratar de si com inteira liberdade e consagrar-se ao Eterno Esposo, se não com o voto solene das Religiosas, entre quem vivia, ao menos com o simples. É coisa tão natural e própria e obrigatória no sangue ilustre a virtude da castidade, que parece nasce a promessa dela com a nobreza; em tanto grau que podia qualquer mulher nobre ter, em certo modo, por género de afronta, dar-se-lhe louvor de honesta, visto ser gabo a que como juro está obrigada por quem é. Esta razão corre com mais força nos ânimos reais pera sua maior alteza; e contudo a fé que professamos nos ensina que tem avantajado preço diante de Deus qualquer virtude que, com vínculo de voto e obrigação, lhe oferecemos.¹⁶

Sabia isto a Princesa e desejava fazer tal sacrifício a Deus, porque ficava juntamente por esta via renunciando por ele todos os Reinos e Estados do mundo.

Assi era contínua petição sua que fosse servido dar-lhe um espírito tão abrasado no divino Amor, que a oferta que desejava fazer de perpétua pureza fosse aceita no Céu, e lá se ordenassem as coisas da terra de maneira que a pudesse consevar em paz e livre dos combates antigos de sucessão entre os naturais e das pretensões dos Reis estrangeiros. Com tal ânimo dispendeu muitos dias em fervorosas orações e, enfim, em dia de Santa Catarina Mártir [25 de Novembro], a quem tinha particular devoção, depois da Missa conventual dita, e despejado o Coro, prostrou-se diante do altar e fez seu voto, acrescentando que prometia guardá-lo como se solenemente com profissão de verdadeira Religiosa o fizera. Desta hora em diante, como se a revestira um novo espírito do Senhor, assi eram suas práticas cheias de fogo do Céu que o pegava a todas com tudo o que dizia e fazia».¹⁷

Com este voto privado, a princesa recusa muitos casamentos reais (Alemanha, França, Inglaterra). Dois dos três príncipes em questão morrem subitamente, o que impede que o rei de Portugal, irmão da princesa, continue a insistir.¹⁸

¹⁶ Trata-se aqui duma doutrina clássica da teologia católica, formulada especialmente por S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II. II. 88. 6.

¹⁷ *HSD*, II, livro V, cap. 7, p. 408.

¹⁸ Se é verdade que esta narração inspira um certo cepticismo a D. M. Gomes dos Santos (*op. cit.*, t. I, p. 90, nota 1), que fala, a propósito do projecto francês de casamento, do caso da aplicação duma tendência para o «maravilhoso fantástico que infeccionou a historiografia deste século», pode-se dizer, pelo menos, que a concretização deste ponto de vista geral neste caso particular não se impõe e que a prudência e a precisão de Luís de Sousa no conjunto da sua biografia da santa princesa levamos a confiar nele.

O sentido profundo do relato do historiador dominicano é claro: a santa princesa preferiu ao casamento carnal e sacramental com um homem mortal o que o sacramento significava: o casamento espiritual com o Esposo imortal, Cristo, casamento concluído através do voto de virgindade no horizonte de um martírio desejado.

Apresentámos aqui os principais aspectos dos capítulos 2, 5, 6 e 7 do livro V de Luís de Sousa, relativo à história dominicana em Portugal e mais precisamente à princesa Joana: o discurso sobre a sua vocação diante da Corte, depois diante do bispo, renúncia à profissão solene em favor de um voto privado de castidade, num contexto de serviço às monjas.

O leitor não se surpreende ao saber que a Santa Sé confirmou a celebração litúrgica da festa da princesa Joana sempre exaltada pelas dioceses de Portugal.¹⁹ É porém de admirar que a notável biografia de Luís de Sousa seja tão pouco citada, estudada e analisada. Esperamos que esta nossa apresentação contribua para ajudar a conhecer melhor quer o autor quer a santa que ilustraram a Ordem dominicana e Portugal.

Um século depois da morte santa da princesa Joana morreu também o arcebispo dominicano de Braga, e o seu biógrafo oferece-nos o relato, bastante mais conhecido, da vida deste arcebispo, o venerável Bartolomeu dos Mártires.

A vida dum arcebispo modelo: Bartolomeu dos Mártires

Vamos prestar, agora, atenção ao aspecto mais dramático duma vocação à santidade episcopal; examinaremos sucessivamente os três actos deste drama: em primeiro lugar, o papel da rainha Catarina de Portugal e do seu confessor Luís de Granada na preparação da nomeação episcopal de Bartolomeu, depois o do próprio Luís de Granada como provincial do futuro bispo, primeiro, por meio dum convite (segundo acto), depois através dum preceito (terceiro acto).

1. Primeiro acto: a preparação (livro primeiro, c. 6)

Estamos na presença dos três actores do drama: a rainha, o seu confessor, o candidato (Bartolomeu). O arcebispado de Braga, no norte de Portugal, estava vacante em 1558; a rainha Catarina governava

¹⁹ Ver as precisões que a Enciclopédia Verbo trás ao artigo sobre a princesa: no 4 de Abril de 1693, o Papa Inocência XII confirma o culto imemorial da bem-aventurada Joana; ainda hoje, nas igrejas diocesanas de Portugal, a sua festa (com missa) se celebra cada ano no dia 12 de Maio.

Portugal durante a menoridade do seu filho, o rei Sebastião; era a ela, por isso, que competia, conforme a legislação eclesiástica do tempo, indicar ao Papa o candidato que este deveria nomear.

Por conseguinte, a rainha convoca o seu confessor a quem pede para lhe indicar um candidato digno:

«Mandou-lhe a Rainha que, como confessor seu, a cuja conta estava descarregar-lhe a consciência, lhe apontasse pera aquela Igreja [de Braga] uma pessoa tal que, pera diante de Deus ficasse provida de pastor muito idóneo, sem outros respeitos nem considerações quais lhe tinham as orelhas quebradas, e quebravam cada hora».²⁰

Quer dizer, os nobres rivalizavam em tentativas para obterem o lugar! O confessor – célebre autor espiritual e pregador, clássico, não somente de literatura da sua Espanha natal, mas também do seu Portugal adoptivo – indicou o seu súbdito, o professor e prior Bartolomeu que não tinha ascendentes nobres:

«... dizia-lhe... que não se podia duvidar que em sujeitos iguais por todas as mais partes devia preceder a nobreza, porque em toda a república são os nobres o mesmo que, no corpo humano, a cabeça e o coração; mas, havendo homem menos nobre que, no valor, se lhes avantajasse com tanta distância como Fr. Bartolomeu se avantajava a todos, antepor-lhe os mais ilustres, só por mais ilustres, seria fazer agravo ao valor, seria defraudar o arcebispado de um perfeito pastor, e seria faltar quem tinha o Reino a seu cargo da inteireza de sua obrigação, que era buscar-lhe o melhor».²¹

Numa palavra, aos olhos do confessor, ele também dominicano, o que importava, como critério de nomeação episcopal, era a santidade, por cima das «indicações sociológicas» da época, quer dizer, sobre a nobreza do sangue. Vemos tratado aqui, em poucas palavras, um problema que perverteu muitas vezes os velhos regimes da Europa cristã até à Revolução francesa: o desejo dos aristocratas de se apoderarem de «honras eclesiásticas».

²⁰ Frei Luís de Sousa, *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, introdução de Aníbal Pinto de Castro, fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro, Lisboa 1984, livro I, cap. 6, p. 37 (abrev.: *Vida*, seguido da indicação do capítulo e da página). Nós actualizamos a ortografia. A propósito da rainha Catarina, irmã de Charles-Quint, convém sublinhar a sua eminente personalidade humana e religiosa: cf. Hugo Rahner, *Ignace de Loyola et les femmes de son temps*, Paris 1964, t. I, pp. 83-92 (aos olhos de muitos, Santo Inácio ter-se-ia enamorado platonicamente dela antes da sua conversão), e F. Rodrigues, S.J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, t. I, vol. 2, e t. II, vol. 1 e 2, Porto 1931 e 1938, *Índices*: «Catarina de Portugal». Admiradora de S. Francisco Xavier, com quem conversou longamente em Lisboa antes da sua partida para as Índias, a rainha beneficiou também dos conselhos de S. Francisco de Borja e quis confiar a educação do seu filho, o rei Sebastião, a um jesuíta: cf. t. II, vol. 2, pp. 285-340.

A rainha mandou logo chamar Bartolomeu ao palácio para lhe comunicar a sua decisão, de acordo com a indicação do provincial-confessor. Vejamos em que termos Luís de Sousa descreve a reação do interessado:

«Não se pode crer nem há palavras que bastantemente declarem o sobressalto, o enleio, o espanto, que recebeu a alma de Fr. Bartolomeu com esta nova; parecia-lhe coisa tão nova e tão fora de caminho, e, pera a sua arte e modo de vida, tão despropositada que, polas muitas razões que sentia em contrário, se lhe tolhia a fala, não dando lugar a sair umas às outras, e de tudo se começou a afligir sobremaneira; e com sobeja angústia, de que seu rosto dava bem vivos penhores, se foi escusando e alegando com muita humildade todas as rezões que lhe ocorriam pera não merecer nem haver de aceitar tamanha honra: que como se havia de atrever a dar conta a Deus de tantas mil almas, como havia naquela Igreja, um pecador miserável que da sua não se atrevia a dá-la boa? Um pobre fradinho sem experiência, criado desde menino no deserto da Religião, como se havia de buscar pera governo de tanto peso?... E assi, pedia a Sua Alteza fosse servida de o escusar dele, porque, falando com o devido acatamento, por nenhum caso o aceitaria.

Replicou a Rainha que diferentes eram as informações que dele tinha, e dadas por pessoas que sabia lhe falavam verdade.

... Animosamente respondeu [Fr. Bartolomeu] que de informações, por boas que fossem, não havia que fiar nem fazer caso; que muitos homens houvera no mundo de quem se tiveram informações e conceitos bem fundados, e, na hora que se viram entronizados, logo foram outros; e, sendo ele mais fraco e mais pecador que todos, não duvidava acontecer-lhe pior que a todos. Quanto mais, que ninguém se conhecia melhor que a própria pessoa, se queria falar verdade, e ele de si sabia que lhe faltavam todas as partes necessárias pera o cargo». ²²

A extrema humildade com que o religioso dominicano acentuava a sua recusa do episcopado acabou por convencer a rainha de que ele era digno. Seguindo a expressão carregada de nervosismo de Luís de Sousa: «*Despediu-o a Rainha, ficando descontente do sucesso, mas não do homem*». ²³

Daí a conclusão da Soberana:

«E logo mandou chamar o Provincial e lhe encarregou que o obrigasse por toda a via que pudesse, quando não bastassem razões, porque lhe afirmava que ela o tinha por digno do arcebispado só polo

²¹ *Vida*, livro I, cap. 6, pp. 37-38.

²² *Vida*, livro I, cap. 6, pp. 38-39.

que nele vira e ouvira, não já pola informação que ele, Provincial, lhe dera».²⁴

Neste primeiro acto, Luís de Sousa apresenta-nos com grande intensidade o drama de consciência vivido pelo teólogo dominicano. Veremos dentro de pouco a extrema acuidade que revestiu. Por agora sublinhamos a vivacidade e a anuência da narração que vai seguir-se.

2. Segundo acto: o convite insistente do provincial; a recusa

Agora assistimos a uma conversa, não já entre a rainha e o seu candidato ao episcopado, mas entre o provincial, que age sob pressão da rainha sua penitente, e o seu súbdito, não-candidato. O provincial Luís de Granada tenta convencer Bartolomeu a aceitar o episcopado por amor para com a nação e a Ordem de S. Domingos.²⁵ Vejamos a comovente resposta, historicamente bem documentada, do não-candidato:

«– Que é possível, Nosso Padre, que Vossa Paternidade, em quem sempre achei pai, e amigo, e bom prelado, se compadeça tão pouco de um filho, e amigo, e súbdito seu que, a quem se não sabe dar a conselho com o governo de um convento de gente santa e observantíssima, como é o de Benfica²⁶ (do qual Vossa Paternidade é boa testemunha quantas vezes e com quanta dor desta alma lhe tenho pedido absolvição), queira lançar às costas a maior e mais pesada prelazia do Reino?

Diferente amizade, diferente ofício de pai e prelado foi o de nosso Reverendíssimo Geral, Fr. Umberto de Romanis, pera com Fr. Alberto Magno, quando o Papa o quis fazer bispo de Regensburg. Defendeu-o, amparou-o... e como verdadeiro amigo escreveu-lhe que antes tomaria vê-lo levar morto em um ataúde, a enterrar, que posto em dignidade pontifical, metido entre rendas e carregado de senhorias.

E se Vossa Paternidade se não dói de mim, ao menos devera lembrar-se que tomava sobre si e sobre sua consciência (quando eu aceitara este seu conselho, que Deus não permitirá) todos os defeitos e erros e desordens que estão certos de minha ignorância e inabilidade».²⁷

²³ *Ibid.*, p. 39

²⁴ *Ibid.*, pp. 39-40. Mais tarde, no dia 7 de Janeiro de 1561, Bartolomeu apresentará à rainha Catarina um argumento análogo ao seu para a convencer a não abandonar o governo do reino: cf. R. de Almeida Rolo, O.P., «Renúncia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires: teologia e história», *Revista de História das Ideias* 9 (1987) 178.

²⁵ Este argumento é, sem dúvida, discutível: para uma Ordem religiosa, a ascensão de um dos seus membros ao episcopado pode trazer alguns inconvenientes; cf. F. Suárez, *Opera omnia*, t. XVI, p. 889. Luís de Granada, parece, não teria podido apoiar-se no Aquinato para justificar o seu ponto de vista: S. Tomás não diz nada sobre este assunto.

²⁶ Bartolomeu era superior da comunidade dominicana neste lugar.

²⁷ *Vida*, I, cap. 7, p. 42.

Citámos apenas um pequeno extracto de uma longa conversa, do qual ressalta o argumento fundamental do padre Bartolomeu dos Mártires: aos seus olhos não somente ele era inapto para o exercício do cargo que se lhe oferece, como também o episcopado era para ele ocasião de pecado, mais: tentação do demónio. A tal ponto que o próprio inferior apelava ao seu superior: «*que buscara a Religião pera fugir ocasiões de perigos de alma; e via que a mesma Religião era o que vinha agora a precipitar nelas*». ²⁸

Donde a conclusão do humilde religioso: «*desconfiando de si, resolvia-se em dar a vida primeiro que o consentimento*». ²⁹ Morrer antes que ser bispo, exposto aos perigos das riquezas e da grandeza pontificais!

Neste segundo acto, a recusa do não-candidato tornou-se mais obstinada e motivada, encorajado, além disso, pela consciência da existência de numerosos candidatos aceitáveis: «*porque considerava o Reino cheio de sujeitos meretíssimos da dignidade, e muitos que folgariam com ela*». ³⁰

3. O provincial impõe o episcopado em nome da obediência: terceiro acto

Na segunda-feira, 8 de Agosto de 1558, Luís de Granada, verificando a inutilidade da sua tentativa anterior pela via da persuasão, decide convocar o capítulo da comunidade dominicana de Benfica e dirigir a palavra ao padre Bartolomeu, tomando por tema o pensamento do autor da Epístola aos Hebreus: «Assim também Cristo não se glorificou a Si mesmo fazendo-Se Sumo Sacerdote, mas foi glorificado por aquele que Lhe disse: “Tu és Meu Filho, hoje Te gerei”» (5,5).

Eis o discurso, verdadeiro, que Luís de Sousa ouviu a Luís de Granada:

«– Padre Mestre, dou a Vossa Reverência por exemplo a Cristo nosso Salvador, o qual, só por obediência do Padre Eterno, aceitou, enquanto homem, o pontificado.

A Rainha nossa Senhora quer que Vossa Reverência aceite o arcebispado de Braga, no que faz mercê não somente a Vossa Reverência, mas a esta Província e a toda a nossa Ordem, e me ordenou que obrigasse a Vossa Reverência com preceito.

E como dos corações dos Reis se diz particularmente que estão na mão de Deus, temos todos rezão de cuidar (e de nos alegrar muito por isso, e

²⁸ *Ibid.*, p. 44.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Vida*, I, cap. 7, p. 43.

Vossa Reverência mais que todos) que esta eleição é toda do Céu; e bom indício é sabermos todos quão descuidado Vossa Reverência vivia não só de a procurar e desejar, mas ainda de a sonhar; pelo que, pois entra nesta dignidade não derrubando muros nem saltando valados, senão pola estrada real e pola porta,³¹ chamado, buscado e rogado e, ultimamente, forçado pola obediência. Deus, que ordenou a entrada, disporá o processo e guardará a saída de toda a culpa, ajudando a Vossa Reverência com sua divina graça, pera que não somente [não]³² tire daqui condenação, mas alcance nos céus o prémio; e não qualquer prémio, senão o que ele tem prometido aos que bem administram semelhantes cargos e dão aos seus conservos a medida justa, no tempo conveniente.

E assi como não é bem (segundo o nota nosso Padre Santo Tomás, declarando³³ as palavras do Apóstolo que propus) que os discípulos de Cristo façam nenhum género de diligência por haver dignidades, também é conforme à boa razão não nos recusarem quando lhe são oferecidas e trazidas a casa sem as pretenderem nem desejarem. Porque o primeiro é soberba e temeridade, e o segundo é teima e descortesia.

E uma coisa e outra, diz Nazianzeno que é de gente néscia, porque quando Deus escolhe uma pessoa pera algum cargo, ele se obriga a o ajudar. E a mesma obediência com que Vossa Reverência se sujeitar a seu superior lha pagará Nosso Senhor ainda nesta vida, fazendo-o perfeito prelado e inspirando no coração de seus súbditos que também lhe tenham perfeita obediência. E, em virtude dela, mando a Vossa Reverência, como seu provincial que sou, que sem me replicar faça logo sua vénia».³⁴

Assim se apresenta o extraordinário discurso do provincial dominicano Luís de Granada. Está em total consonância com as opiniões sobre o tema da aceitação do episcopado, expostas por S. Tomás de Aquino,³⁵ autoridade doutrinal que se lhe oferecia a ele como a Bartolomeu. Certamente – e nós veremos um exemplo impressionante a propósito de António das Chagas –, uma opinião muito diferente e até mesmo contrária, à luz de Suarez, será desenvolvida mais tarde, em perfeita harmonia, também, com a ortodoxia católica. Por outro lado, já

³¹ Cf. *Jo* 10, 1-2: a alusão é clara.

³² Para não dizer que Deus (segundo Luís de Granada) confiava o episcopado a Bartolomeu por causa da sua condenação, temos que acrescentar ao texto actual esta negação que, certamente, aparecia no texto original.

³³ Na realidade, o comentário de S. Tomás sobre *Heb* 5, 6 insinua antes que ele explicita o pensamento que Luís de Granada lhe atribui: «Alguns gloriam-se por serem escolhidos ou por receber prebendas... Cristo não se gloriou por ser pontífice» (*Super Epistolam ad Hebraeos lectura*, apud *uper Epistolas S. Pauli lectura*, ed. Marietti, Roma 1953⁸, t. II, pp. 390-391, par. 249, 251).

³⁴ *Vida*, I, cap. 8, pp. 45-46.

³⁵ S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II. II. 185. 2. 4: a aceitação do episcopado é necessária para a salvação se o superior o obriga sob *preceito*; cf. acima (note 40) uma explicação do sentido desta palavra.

em 1558, e no próprio seio da Ordem dominicana, outras opiniões ³⁶ eram talvez já propostas e admissíveis.

O texto do discurso registado por Luís de Sousa sugere ainda muitos outros comentários.

Por um lado, o provincial invocava o seu próprio dever de obediência à rainha Catarina para justificar a sua ordem ao padre Bartolomeu. É sobre este ponto, particularmente, que a sua posição se presta à crítica. Cidadão estrangeiro, não português, deveria ele, como tal, obedecer à rainha desde o ponto de vista civil? Sobretudo, como confessor – e fora como tal que a rainha o tinha consultado –, parece difícil de admitir que ele estivesse obrigado a obedecer à sua penitente sobre um ponto que dizia respeito à sua consciência de provincial e a uma terceira pessoa... Compreende-se então a reflexão de Luís de Sousa, imediatamente após o discurso: «*De boas rezões vinha Fr. Bartolomeu armado, se houvera de ser ouvido, como inda esperava...*»³⁷

Por outro lado, objectivamente, a intervenção da rainha, ordenando a um provincial que desse uma ordem ao seu inferior em nome da obediência, representa uma interferência indevida da autoridade temporal no domínio espiritual. Esta foi uma fraqueza de Luís de Granada ao admiti-la e transmiti-la. Porém, nós não podemos, naturalmente, substituir-nos – saltando por cima dos séculos – à sua consciência de confessor e de provincial. Se hoje nos parece que estava deformada, não pretendemos de modo algum dizer que estivesse objectivamente errado, especialmente no contexto da época e de outro sistema (muito diferente do nosso, hoje) de relações entre espiritual e temporal.

Se algumas destas considerações se apresentaram ao espírito de Bartolomeu enquanto escutava o discurso do seu provincial, ele não guardou absolutamente nenhuma, como nos diz Luís de Sousa:

«A dor interior e a brevidade do tempo lhe tiraram o conselho e ataram a língua, pera que obrasse a obediência. Levantou os olhos ao céu, e dando um grande gemido, arrancado do íntimo das entranhas, que logo os olhos seguiram com lágrimas, prostrou-se todo por terra (é cerimónia de humildade que usam os nossos religiosos quando o prelado lhes quer notificar alguma obediência); o Provincial, então, primeiro que tudo, o absolveu do priorado de Benfica, e logo pronunciado o preceito e censura,

³⁶ Seria desejável e, sem dúvida, frutuosa, uma investigação histórica sobre este ponto. O comentário de Caetano sobre a *Summa Theologica*, II. II. 185. 2, não indica uma opinião radicalmente distinta à do interior da Ordem dominicana.

³⁷ *Vida*, I, cap. 8, p. 46.

na forma da constituição da Ordem, concluindo que, em virtude da santa obediência, aceitasse o arcebisado.

À primeira palavra que o Provincial pronunciou do preceito, acudiu Fr. Bartolomeu com estas que todos ouviram:

– Meu Senhor Jesus Cristo, não me desampareis!

E quando chegou a dizer: «Mando a Vossa Reverência que aceite» levantou a voz (como que tivera o laço na garganta e esperava o garrote) e disse:

– Deus seja comigo!»³⁸

Não saberemos sublinhar suficientemente a força dramática desta descrição: a prostração total, por terra, simboliza maravilhosamente a submissão heróica da sua alma; mas a alegria parece ausente, o que se explica pelo temor e pelos escrúpulos do bispo escolhido. A explicação não é forçada: no mesmo capítulo, Luís de Sousa fala-nos dos «*grandes escrúpulos que de contínuo o atormentavam nas matérias de sua obrigação*».³⁹

A descrição está inspirada, provavelmente, ou pelo menos em parte, na biografia que Luís de Granada nos deixou de Bartolomeu, escrita antes da morte do bispo em 1590 (Granada morreu em 1588). O ex-provincial fala explicitamente da ordem⁴⁰ dada pelo «prelado» em «virtude da santa obediência, sob pena de excomunhão», não sem observar que Bartolomeu não «questiona sequer ao ponto de saber se era possível ou não ser obrigado a tal obediência»,⁴¹ o que insinua desde já que os dois estavam a par de interpretações teológicas diferentes sobre este tema. É mesmo provável que Bartolomeu não usou do seu direito de recurso ao Soberano Pontífice porque os exemplos anteriores de dois santos dominicanos – Alberto, o Grande, no século XIII, Antonino de Florença no século XV, os dois nomeados bispos pelo Papa apesar dos seus desejos serem contrários – não lhe davam qualquer esperança de sucesso.

Nesta mesma biografia de Bartolomeu, Luís de Granada faz-nos uma confidência singularmente comovente: «Como eu passava cerca de um mês depois perto dele, o arcebispo vei-o dizer-me: Eu não me

³⁸ *Ibid.*, pp. 46-47. Cf. R. de Almeida Rolo, O.P., «Renúncia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires: teologia e história», *Revista de História das Ideias* 9 (1987) 164-165.

³⁹ *Ibid.*, p. 48; no mesmo sentido, ver *Vida*, I, cap. 9, p. 51: «Começos desde a hora que se houve por Arcebispo a correr tormenta de cuidados e escrúpulos que lhe não davam momento se repouso».

⁴⁰ «O preceito singular é manifestação da vontade manifestada por uma autoridade canónica a um destinatário singular», não a um grupo, ao contrário da lei: cf. J.M. Aubert, art. «Précepte», *Catholicisme*XI (1988) 760-763.

⁴¹ Luís de Granada, O.P., *Vida de Bartolomeu dos Mártires*, cap. 8.

enforcarei porque seria ofender a Deus; mas já cheguei a sentir as angústias que um homem sofre quando se enforca». Luís de Granada acrescenta: «Fiquei com tanta pena e desolação, por quanto diz respeito à honra de Deus e da nossa Ordem, que eu nem saberia explicar».⁴²

Lendo nas entrelinhas: por mais convencido que estivesse de ter de obedecer à rainha Catarina de Portugal obrigando a nomear Bartolomeu arcebispo, que muitas dúvidas acerca do seu papel passavam pelo espírito de Luís de Granada diante desta dolorosa revelação.⁴³

Conclusões

Se é verdade que toda a existência humana comporta momentos ou aspectos dramáticos, também é certo que Luís de Sousa soube narrar com grande talento as crises de crescimento espiritual atravessadas pelos heróis da santidade portuguesa, a princesa Joana e o arcebispo Bartolomeu dos Mártires.

Ele escolheu os casos e momentos em que a santidade heróica comprometia os destinos nacionais. Os heróis mais relevantes da sua história do Portugal dominicano não são pessoas privadas, mas os suportes representativos da nação. Neles e através deles, a nação toda é chamada ao heroísmo no amor de Cristo. O mesmo é dizer que, para Luís de Sousa, a literatura deve sublinhar a vocação da pessoa humana à felicidade em e pela santidade. Aos seus olhos, valeu a pena colocar a sua pluma e o seu talento literário ao serviço do apostolado a favor da santidade.

Não é este o sentido do dramático esplendor dos caminhos de Deus, guiando os seus eleitos, mesmo através das crises políticas, até ao cume duma caridade sacrificial, que contribui para a beleza do estilo do historiador? Que seria o estilista sem o historiador?⁴⁴ A nobreza dos comportamentos humanos condiciona e explica a do estilo.

⁴² Citamos o texto espanhol original de Luís de Granada: «*Pasando yo... llegó a decirme: "Yo no me ahorcaré, porque es ofensa de Deios, mas ya he llegado a sentir las angustias que padece un hombre cuando se ahorca"*».

⁴³ É verdade porém, que Luís de Granada agira sem qualquer precipitação: «*O provincial encomendando o negócio a Deus e ponderando devagar com que pessoa satisfaria a tenção pia e sábia da Rainha, resolveu-se que não havia em todo o Reino outra como Fr. Bartolomeu dos Mártires*», diz o autor da *Vida* (I, 6, 37).

⁴⁴ Queremos reagir aqui contra uma opinião demasiado divulgada: «*É mais como estilista e menos como historiador que Luís de Sousa é e será lido*». Apesar de conter uma parte de verdade, esta opinião não considera suficientemente, neste caso, o condicionamento histórico duma beleza estilística.

